ANTOINE DE SAINT-EXUPÉRY

TRADUÇÃO
LUIZ MIGUEL DUARTE

O PEQUENO PRÍNCIPE

COM AQUARELAS DO AUTOR



PAULUS



ANTOINE DE SAINT-EXUPÉRY

O PEQUENO PRÍNCIPE

Tradução
LUIZ MIGUEL DUARTE

PAULUS

Apresentação

Concordo com o autor italiano Ítalo Calvino, quando define os motivos pelos quais devemos ler os clássicos, entre eles: porque os clássicos servem para entender quem somos e aonde chegamos, por isso devemos lê-los sempre. São obras atemporais e universais, eu acrescentaria. Daí a importância de se (re)traduzir o clássico *Le petit prince*, de Antoine de Saint-Exupéry, cuja (re)leitura é capaz de emocionar crianças e adultos de todo o mundo. Trata-se de uma obra que transcende o universo infantil e educa até mesmo os adultos. Vale a pena conferir o excelente e meticuloso trabalho do Padre Luiz Miguel Duarte, que transpôs para nossa língua materna esta nova versão da obra clássica da literatura francesa.

Cynthia Agra de Brito Neves

Doutora em Linguística Aplicada pela UNICAMP (Brasil) e Doutora em Letras pela Université Stendhal Grenoble 3 (França)

A Leão Werth

As crianças que me perdoem por ter dedicado este livro a uma pessoa adulta. Tenho uma desculpa de peso: essa pessoa adulta é o melhor amigo que tenho no mundo. Tenho outra desculpa: essa pessoa adulta é capaz de compreender tudo, inclusive os livros para crianças. E tenho uma terceira desculpa: essa pessoa adulta mora na França, onde sente fome e frio e tem muita necessidade de ser consolada. Mas se todas essas desculpas não bastarem, dedicarei este livro à criança que essa pessoa adulta já foi. Todos os adultos já foram crianças. (Mas poucos se lembram disso.) Por isso, corrijo minha dedicatória:

A Leão Werth,
quando era criança.

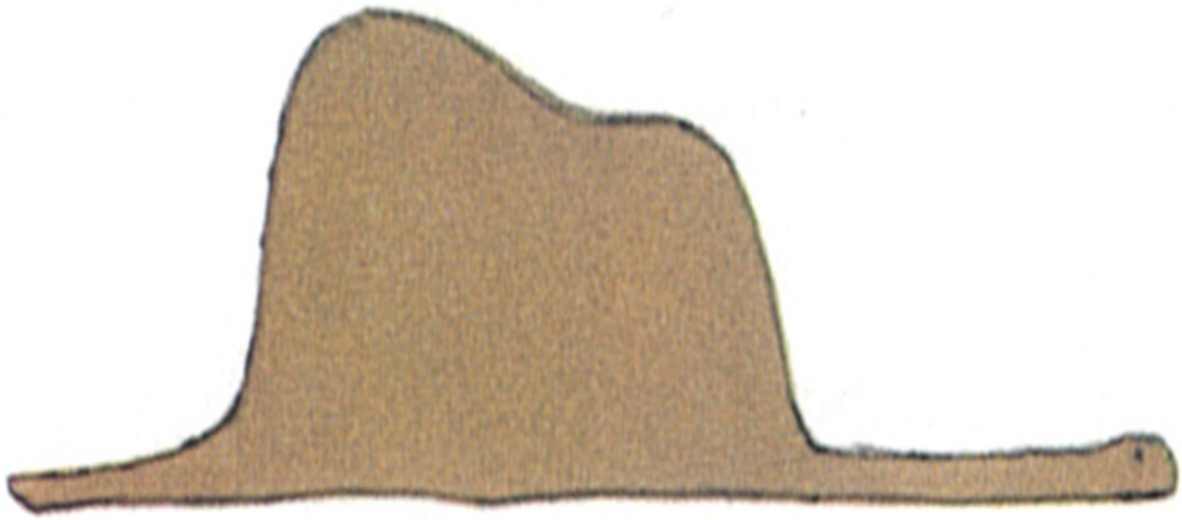
I

Uma vez, quando eu tinha seis anos, vi uma gravura magnífica, num livro sobre a mata virgem chamado *Histórias vividas*. Representava uma jiboia engolindo uma fera. Eis a cópia do desenho.



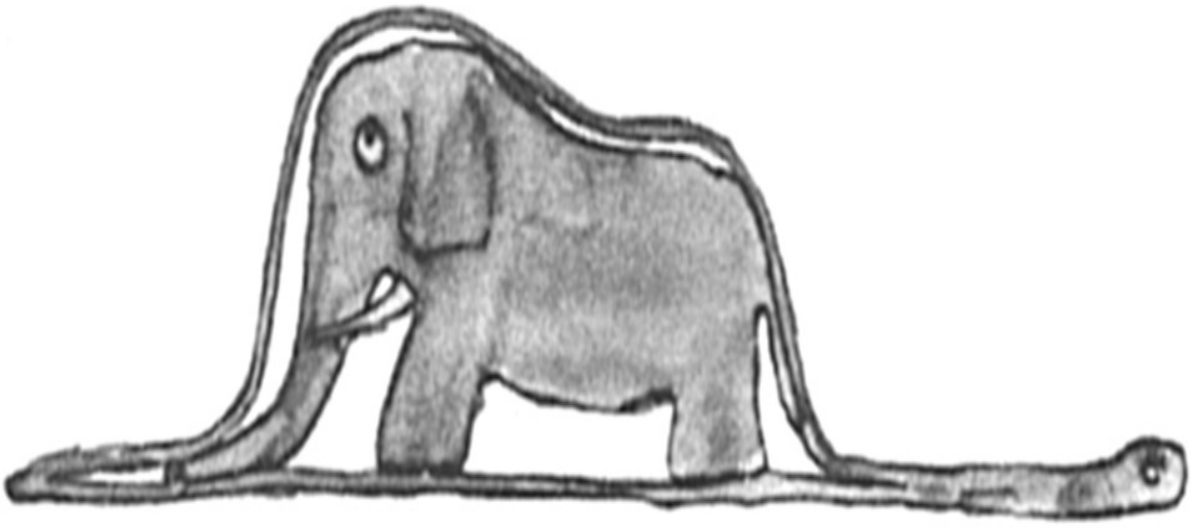
Estava escrito: “As jiboias engolem a sua presa inteirinha, sem mastigá-la. Depois elas não conseguem sequer se mexer e dormem durante os seis meses que a digestão demora”.

Então refleti muito sobre as aventuras da selva. Peguei um lápis de cor e consegui traçar o meu primeiro desenho. O meu desenho número 1. Era assim:



Mostrei minha obra-prima aos adultos e perguntei-lhes se o meu desenho os assustava. Responderam-me: “Por que um chapéu assustaria?”

Meu desenho não representava um chapéu. Representava uma jiboia digerindo um elefante. Para que os adultos pudessem compreender, desenhei o interior da jiboia. Eles sempre têm necessidade de explicações. O meu desenho número 2 ficou assim:



Os adultos me aconselharam a deixar de lado os desenhos das jiboias, abertas ou fechadas, e a me aplicar, ao invés, à geografia, à história, à aritmética e à gramática. Foi assim que, aos seis anos, abandonei uma magnífica carreira de

pintor. Fora desencorajado pelo insucesso do meu desenho número 1 e do meu desenho número 2. Os adultos nunca compreendem nada sozinhos, e é cansativo para as crianças ficar sempre dando-lhes explicações.

Tive então que escolher outra profissão e aprendi a pilotar aviões. Voei um pouco por toda parte do mundo. E a geografia, é claro, me foi muito útil. Eu sabia distinguir, logo à primeira vista, a China do Arizona. É muito útil se alguém se desorienta durante a noite.

Assim, ao longo da minha vida, tive numerosos contatos com muita gente importante. Convivi muito com os adultos. Observei-os bem de perto. Nem por isso melhorou minha opinião sobre eles.

Quando encontrava alguém que me parecia de mente aberta, fazia com ele a experiência do meu desenho número 1, que sempre guardei. Queria saber se era de fato uma pessoa capaz de compreender. Mas, invariavelmente, ela me respondia: “É um chapéu”. Então eu não lhe falava de jiboias, nem de matas virgens, nem de estrelas. Colocava-me no seu nível. Falava-lhe de baralho, de golfe, de política e de gravatas. E a pessoa adulta ficava toda satisfeita por ter conhecido um homem de bom senso...

II

Assim fui vivendo sozinho, sem ninguém com quem falar sério, até seis anos atrás, quando tive uma pane no deserto do Saara. Alguma coisa havia se quebrado no meu motor. E, visto que não levava comigo nem mecânico nem passageiros, preparava-me para executar, sozinho, um conserto difícil. Era, para mim, questão de vida ou de morte, pois a água que eu tinha para beber mal bastava para oito dias.

Na primeira noite, dormi na areia, a mil quilômetros de qualquer habitação humana. Estava bem mais isolado do que um náufrago agarrado a uma jangada em alto-mar. Imaginem a minha surpresa, ao raiar do dia, quando uma vozinha engraçada me despertou. Ela dizia:

– Por favor... desenhe-me uma ovelha!

– Hein?

– Desenhe-me uma ovelha...

Como que atingido por um raio, pus-me de pé. Esfreguei bem os olhos. Olhei bem. Vi então um rapazinho todo extraordinário que me fitava com um ar muito sério. Eis o melhor retrato que, mais tarde, consegui fazer dele. Porém, o meu desenho certamente é muito menos atraente que o modelo. Não é culpa minha. Os adultos me haviam desencorajado de seguir a carreira de pintor, quando eu tinha seis anos, e não aprendi a desenhar nada, exceto as jiboias fechadas e as jiboias abertas.

Com olhos arregalados de espanto, eu olhava então aquela aparição. Não se esqueçam de que eu me encontrava a mil quilômetros de qualquer região habitada. No entanto, o meu menininho não parecia perdido, nem morto de cansaço, nem morto de fome, nem morto de sede, nem morto de medo. Não dava o menor sinal de ser uma criança perdida no deserto, a mil quilômetros de qualquer região habitada. Quando finalmente consegui falar, perguntei-lhe:

– Mas... o que faz aqui?

E ele me repetiu então, docemente, como algo muito importante:

– Por favor... desenhe-me uma ovelha...

Quando o mistério é demasiado impressionante, não se ousa desobedecer. Por muito absurdo que aquilo me parecesse a mil quilômetros de qualquer habitação humana, e em perigo de morte, tirei do bolso uma folhinha de papel e uma caneta. Mas então lembrei que eu tinha estudado principalmente geografia, história, aritmética e gramática e (meio mal-humorado) disse ao

garotinho que eu não sabia desenhar. Ele me respondeu:

– Não tem importância. Desenhe-me uma ovelha...

Como eu nunca havia desenhado uma ovelha, refiz para ele um dos dois únicos desenhos que eu conseguia fazer: o da jiboia fechada; e fiquei boquiaberto ao ouvir a resposta:

– Não, não! Não quero um elefante dentro de uma jiboia. Uma jiboia é muito perigosa, e um elefante, muito volumoso. Meu planeta é bem pequeno. Preciso de uma ovelha. Desenhe-me uma ovelha.

Então fiz o desenho.



Olhou-o atentamente, depois disse:

– Não! Essa aí já está muito doente. Faça outra.



Fiz outro desenho. O meu amigo sorriu amavelmente, com indulgência:

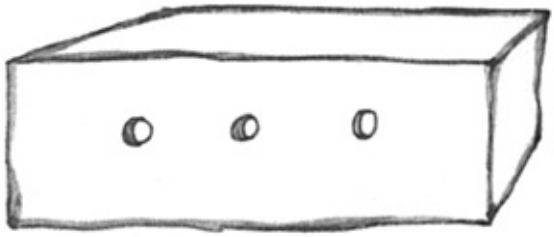
– Como você bem pode ver, não é uma ovelha, é um carneiro. Tem chifres...



Refiz mais uma vez o meu desenho, mas foi recusado como os anteriores.

– Essa daí está muito velha. Quero uma ovelha que viva muitos anos...

Então, já sem paciência, como tinha pressa de começar a desmontar o motor, rabisquei este desenho:



E arrisquei:

– Esta é apenas a caixa dela. A ovelha que você quer está dentro.

Fiquei muito surpreso ao ver que o rosto do meu jovem juiz iluminou-se:

– Era bem assim que eu queria. Você acha que esta ovelha vai precisar de muito capim?

– Por quê?

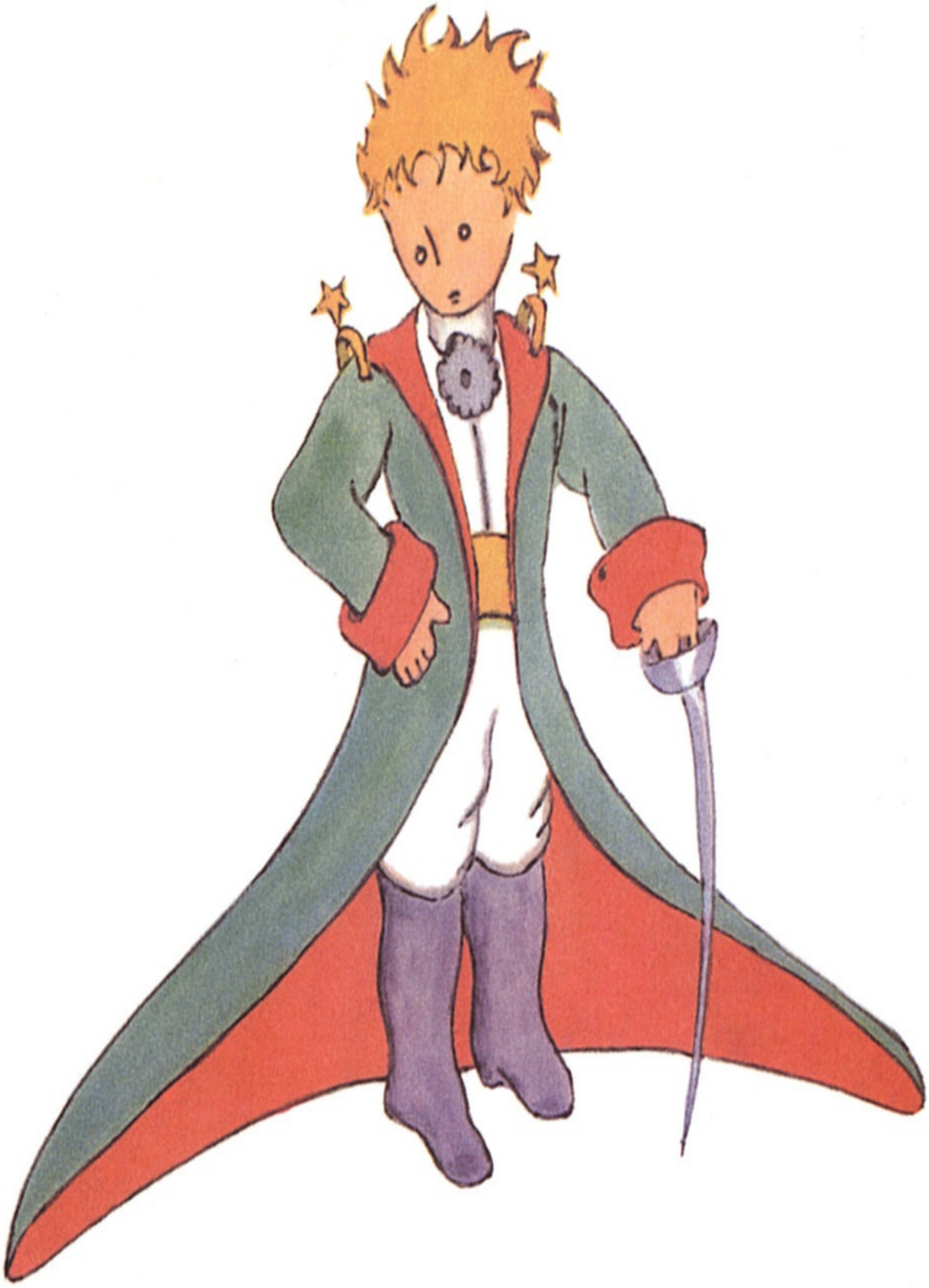
– Porque o lugar onde moro é muito pequeno...

– Com certeza haverá capim suficiente para ela. É pequenina a ovelha que lhe dei.

Baixou a cabeça para o desenho:

– Não tão pequena assim... Olhe! Adormeceu...

E foi assim que fiquei conhecendo o pequeno príncipe.



III

Demorei muito tempo para compreender de onde ele vinha. O principezinho, que me fazia muitas perguntas, parecia nunca ouvir as minhas. Palavras pronunciadas aqui e acolá é que, aos poucos, me revelaram tudo. Assim, quando viu pela primeira vez o meu avião (não vou desenhar o meu avião, é um desenho muito complicado para mim), perguntou-me:

– O que é aquela coisa?

– Não é uma coisa; aquilo voa. É um avião. É o meu avião.

Eu me orgulhava de informar-lhe que eu voava. Então exclamou:

– Como! Você caiu do céu?

– Sim – respondi modestamente.

– Ah! essa é boa!...

E o pequeno príncipe soltou uma bela gargalhada que me deixou muito irritado. Quero que minhas desgraças sejam levadas a sério. Depois ele acrescentou:

– Então você também vem do céu! De qual planeta você é?

Entrevi logo uma luz, no mistério da sua presença, e o interroguei de supetão:

– Então você vem de outro planeta?

Mas ele não me respondeu. Balançava delicadamente a cabeça observando meu avião.

– É claro que, nisso aí, não pode ter vindo de muito longe...

E mergulhou numa meditação que durou muito tempo. Depois, tirando do seu bolso a minha ovelha, ficou contemplando o seu tesouro.



Vocês podem imaginar quanto fiquei intrigado com essa meia confidência sobre “os outros planetas”. Por isso esforçava-me para saber mais sobre eles:

– De onde você vem, meu menininho? Onde é a sua casa? Para onde quer levar a minha ovelha?

Após um silêncio meditativo, ele me respondeu:

– A vantagem da caixa que você me deu é que, à noite, vai servir de casa para ela.

– Claro. E se você for bonzinho, eu lhe darei também uma corda para amarrá-la durante o dia. E uma estaca.

A proposta chocou o pequeno príncipe:

– Amarrá-la? Que ideia maluca!

– Mas se não amarrá-la, ela vai escapar e se perder.

E o meu amigo teve outro ataque de riso:

– Mas aonde haveria de ir?

– A qualquer lugar. Reto, sempre em frente...

Então o pequeno príncipe observou seriamente:

– Não faz mal, é tão pequeno onde moro!

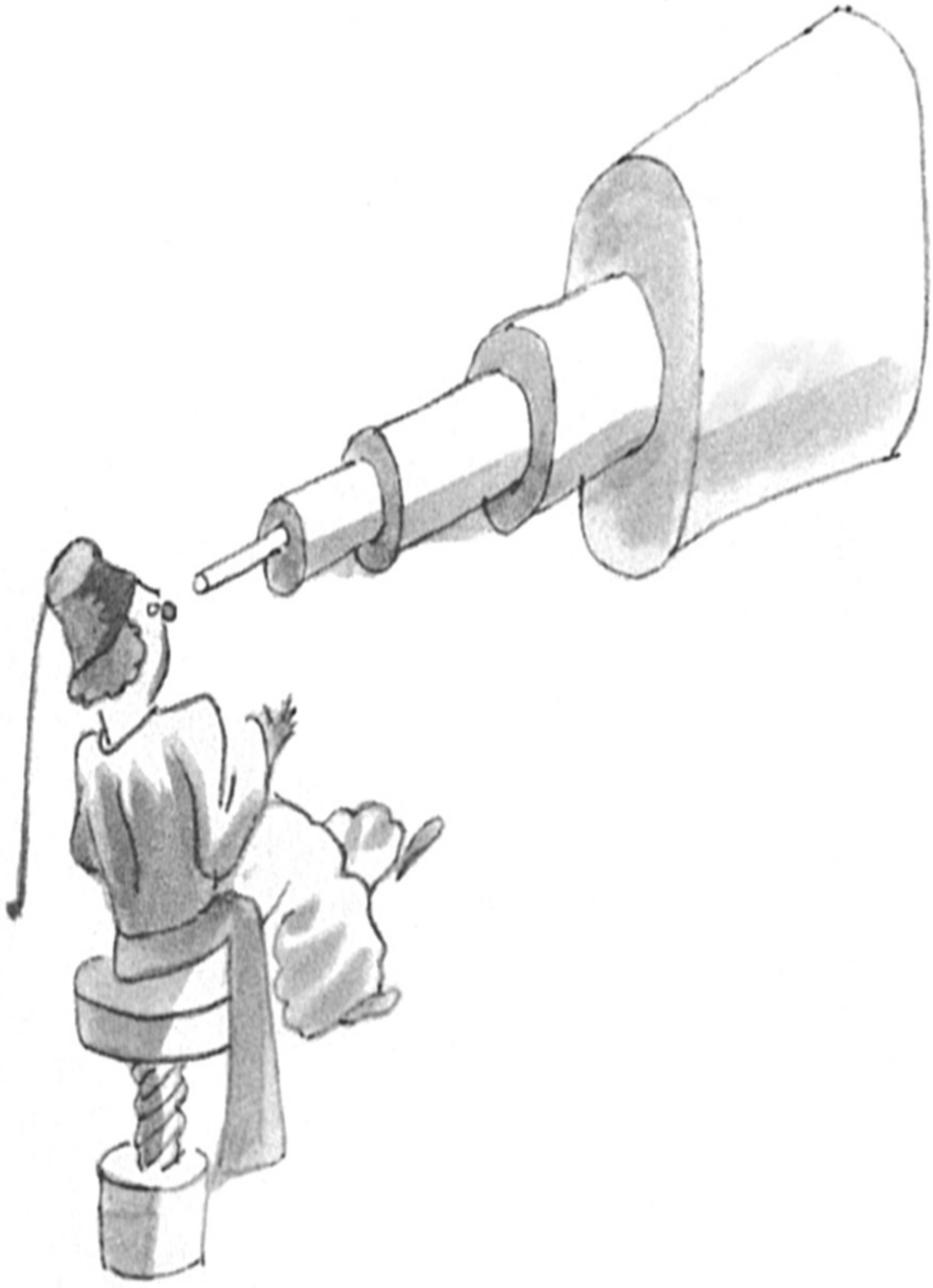
E, com uma ponta de melancolia, talvez, ele acrescentou:

– Reto, sempre em frente, não se vai tão longe...

IV

Aprendi, assim, uma segunda coisa muito importante: o planeta de origem dele era pouco maior que uma casa!

Isso não me causava grande surpresa. Eu bem sabia que, além dos grandes planetas como a Terra, Júpiter, Marte, Vênus, aos quais se deram nomes, certamente há centenas de outros que são às vezes tão pequenos que mal conseguimos vê-los pelo telescópio. Quando um astrônomo descobre um deles, lhe dá por nome um número. Ele o denomina, por exemplo: “o asteroide 325”.

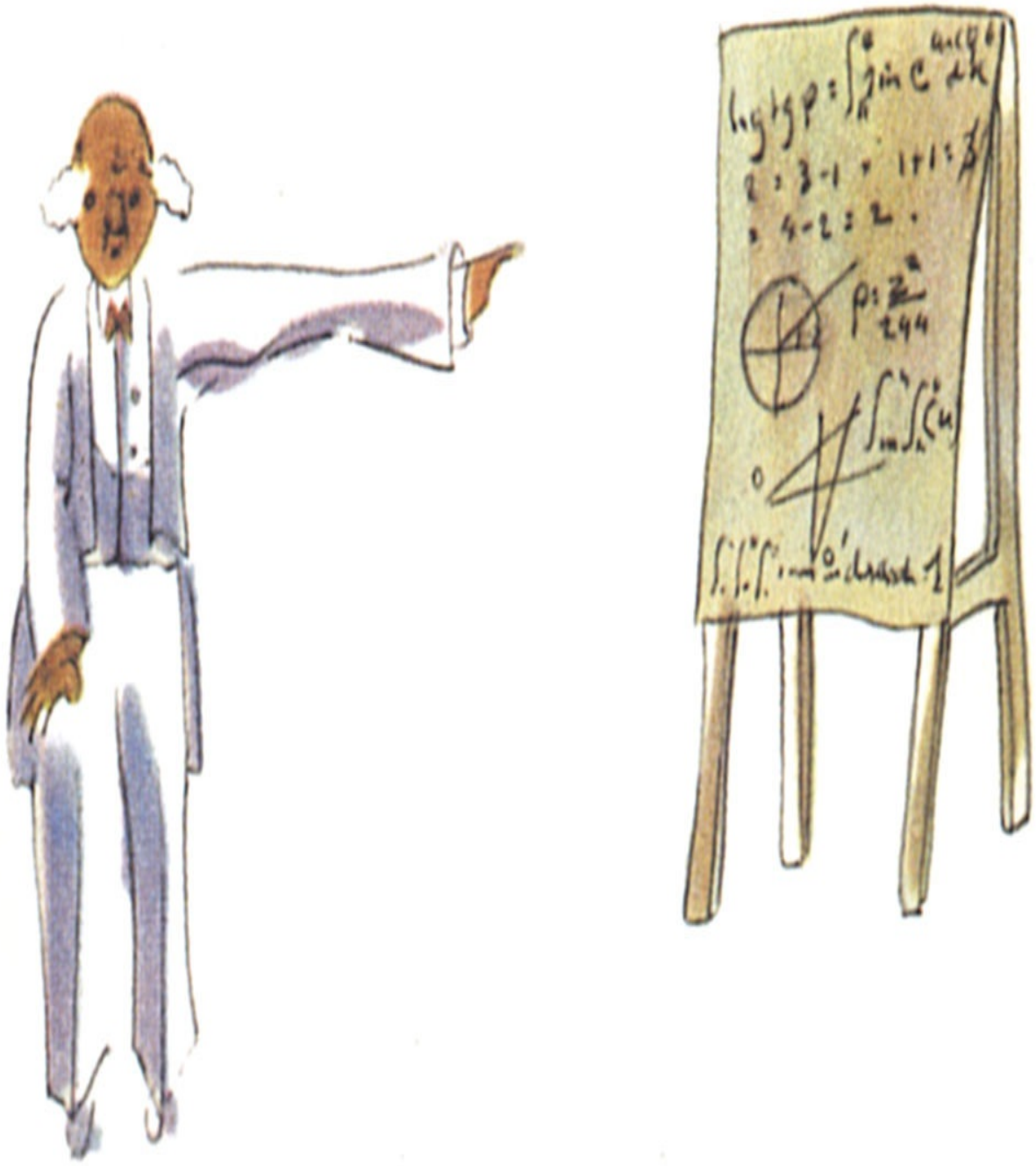


Tenho boas razões para acreditar que o planeta de onde vinha o pequeno príncipe era o asteroide B 612. Esse asteroide foi visto apenas uma vez ao telescópio, em 1909, por um astrônomo turco.

Na ocasião, ele fizera uma grande demonstração de sua descoberta num congresso internacional de astronomia. Mas, pela maneira como estava vestido, ninguém acreditou nele. Os adultos são assim.



Felizmente, para a reputação do asteroide B 612, um ditador turco impôs ao seu povo, sob pena de morte, a obrigação de se vestirem à moda europeia. O astrônomo repetiu a sua demonstração em 1920, com uma roupa muito elegante. E dessa vez todo mundo concordou com ele.



Se narrei a vocês esses pormenores sobre o asteroide B 612 e se lhes revelei seu número, é por causa dos adultos. **Os adultos gostam dos números.** Quando você lhes fala de um novo amigo, eles nunca vão ao essencial. Nunca dizem: “Qual é o timbre de sua voz? Que jogos prefere? Por acaso ele coleciona borboletas?” Eles perguntam: “Qual é a idade dele? Quantos irmãos ele tem? Quanto ele pesa? Quanto o pai dele ganha?” Só então eles pensam que o

conhecem. Se vocês dizem aos adultos: “Vi uma bela casa cor de rosa, com gerânios nas janelas e pombos no telhado...”, eles não conseguem imaginar essa casa. É preciso dizer-lhes: “Vi uma casa de cem mil francos [1]”. Então eles exclamam: “Como é bonita!”

Assim, se vocês lhes disserem: “A prova de que o pequeno príncipe existiu é que ele era encantador, ele ria e queria uma ovelha. Quando alguém quer uma ovelha, é sinal de que existe”, eles darão de ombros e tratarão vocês como crianças! Mas se lhes disserem: “O planeta de onde ele vem é o asteroide B 612”, então eles ficarão convencidos, e não atormentarão vocês com perguntas. Eles são assim. Não é o caso de se incomodar por isso. As crianças devem ser muito compreensivas com os adultos.

Mas, com certeza, nós que compreendemos a vida, zombamos dos números! Teria preferido começar esta história à maneira dos contos de fada. Teria preferido dizer:

“Era uma vez um principezinho que habitava um planeta bem pouco maior que ele, e que tinha necessidade de um amigo...” Para os que compreendem a vida, isso estaria mais próximo da verdade.

Pois não quero que leiam meu livro superficialmente. Custa-me tanto lembrar essas coisas. Já faz seis anos que meu amigo foi embora com sua ovelha. Se tento descrevê-lo aqui, é para não esquecê-lo. **É triste esquecer um amigo.** Nem todo mundo teve um amigo. E corro o risco de tornar-me como os adultos, que só se interessam por números.



É por isso também que comprei um estojo de aquarelas e de lápis. É trabalhoso pôr-se a desenhar, na minha idade, sobretudo quando a gente nunca fez outras tentativas senão a de uma jiboia fechada e a de uma jiboia aberta, aos seis anos de idade! É claro que vou me esforçar para fazer retratos o mais semelhantes possível. Mas não garanto absolutamente que vou conseguir. Um desenho vai bem, e o outro já não se assemelha. Fico em dúvida também quanto

ao tamanho. Aqui o pequeno príncipe é demasiado grande. Ali, demasiado pequeno. Vacilo até mesmo em relação à cor de seu traje. Então vou tateando aqui e acolá, mal e mal. Errarei enfim a respeito de certos pormenores mais importantes. Peço que me perdoem. Meu amigo nunca dava explicações. Ele pensava talvez que eu fosse semelhante a ele. Mas eu, infelizmente, não sei ver as ovelhas através das caixas. Sou talvez um pouco como os adultos. Acho que envelheci.



[1] Antiga moeda francesa.

V

A cada dia eu aprendia alguma coisa sobre o planeta, sobre a partida, sobre a viagem. Isso acontecia de modo muito tranquilo, ao sabor das reflexões. Foi assim que, no terceiro dia, conheci o drama dos baobás.

Também dessa vez foi graças à ovelha, pois o pequeno príncipe me interrogou bruscamente, como que arrebatado por uma dúvida séria:

– É mesmo verdade que as ovelhas comem os arbustos?

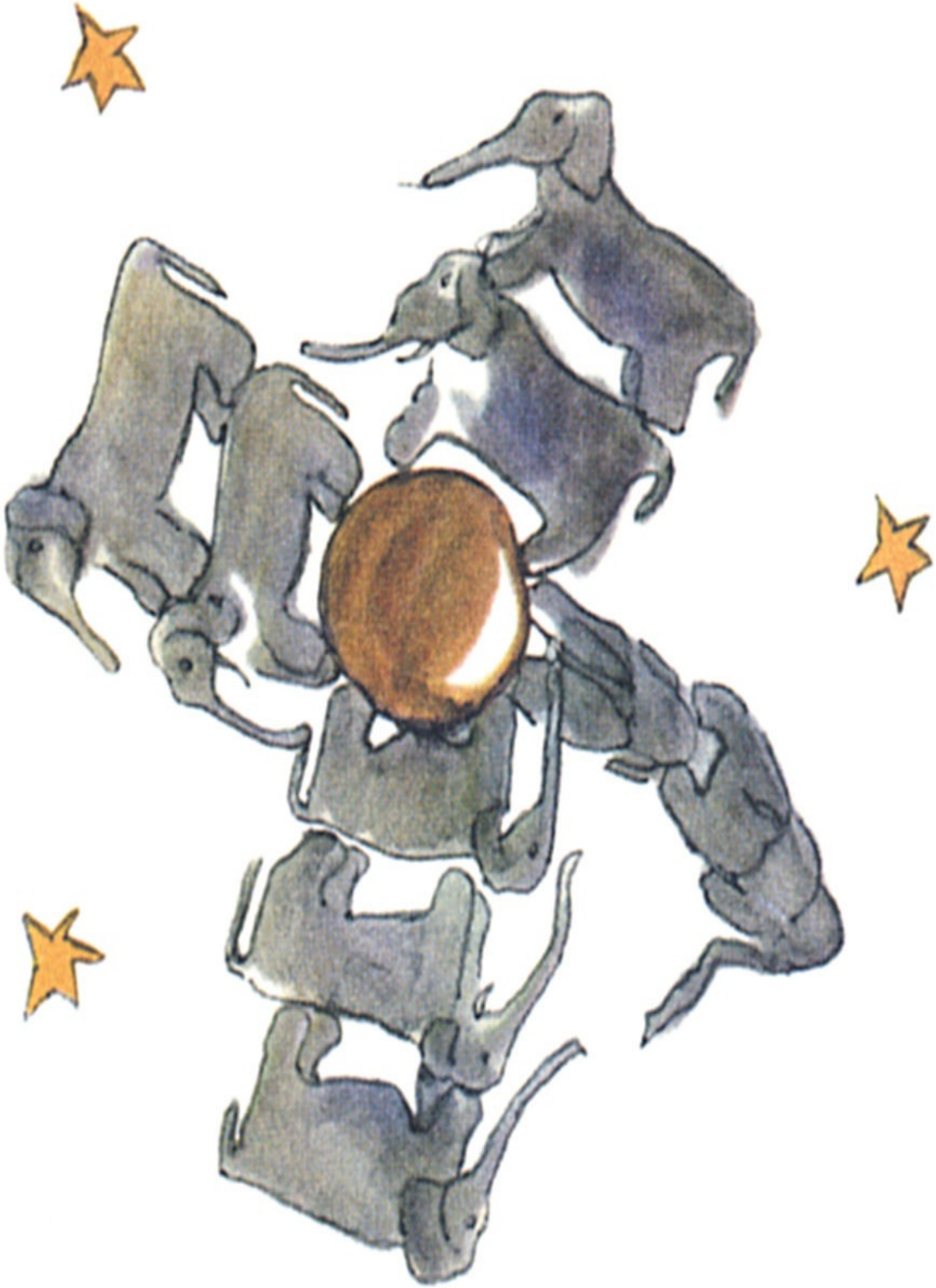
– Sim. É verdade.

– Ah! Ainda bem!

Não compreendi por que era tão importante que as ovelhas comessem os arbustos. Mas o pequeno príncipe acrescentou:

– Por conseguinte, elas comem também os baobás?

Expliquei ao pequeno príncipe que os baobás não são arbustos, mas árvores grandes como igrejas e que, mesmo que ele trouxesse uma manada de elefantes, essa manada não daria cabo de um só baobá.



A ideia da manada de elefantes fez o pequeno príncipe dar risada:

– Teria que colocar uns sobre os outros...

Ele, porém, sabiamente observou:

– Os baobás, antes de ficarem grandes, começam pequenos.

– Certo! Mas por que você quer que suas ovelhas comam os baobás pequenos?

Ele me respondeu:

– Ora! – como se se tratasse de algo evidente. Precisei de grande esforço de inteligência para compreender sozinho esse problema.

De fato, no planeta do pequeno príncipe, como em todos os planetas, havia ervas boas e ervas daninhas. Por conseguinte, sementes boas de ervas boas e sementes ruins de ervas ruins. Mas as sementes são invisíveis. Elas dormem no segredo da terra até que uma delas cisma de despertar. Então ela se espreguiça e projeta, no começo timidamente, em direção ao sol, um belíssimo raminho inofensivo. Se for um raminho de rabanete ou de roseira, pode-se deixá-lo crescer a seu bel-prazer. Mas se for uma planta ruim, é preciso arrancá-la tão logo seja reconhecida. Ora, havia sementes terríveis no planeta do pequeno príncipe... eram as sementes de baobá, que infestavam o solo do planeta. Ora, um baobá, se a gente não acode em tempo, nunca mais consegue livrar-se dele. Ele invade todo o planeta. E o perfura com suas raízes. E se o planeta for demasiado pequeno e os baobás, demasiado numerosos, estes o fazem explodir.

“É uma questão de disciplina”, dizia-me mais tarde o principezinho. “Quando a gente termina a higiene pessoal da manhã, é necessário fazer cuidadosamente a limpeza do planeta. É preciso sujeitar-se regularmente a arrancar os baobás, enquanto é possível distingui-los das roseiras com as quais muito se parecem quando pequenos. É um trabalho muito maçante, porém muito fácil.”



Um dia ele me aconselhou a fazer um belo desenho, a fim de melhor incutir essa ideia na cabeça das nossas crianças. “Se um dia elas viajarem”, me dizia,

“isso lhes poderá ser útil. Por vezes não há nenhum inconveniente em deixar para mais tarde o próprio trabalho. No entanto, no caso dos baobás, é sempre uma catástrofe. Conheci um planeta habitado por um preguiçoso. Ele não cuidou de três arbustos...”

A partir das indicações do pequeno príncipe, desenhei esse planeta. Detesto assumir ares de moralista. Mas o perigo dos baobás é tão desconhecido, e os riscos de quem se extravia num asteroide são tão graves, que, ao menos uma vez, faço uma exceção. Digo: “Crianças! Cuidado com os baobás!” Foi para prevenir meus amigos contra o perigo que eles corriam havia muito tempo, como eu mesmo, sem o saber, que tanto me dediquei a esse desenho. Valia a pena a lição que eu dava. Talvez vocês perguntem: por que não há, neste livro, outros desenhos tão grandiosos como o desenho dos baobás? A resposta é muito simples: tentei, mas não consegui. Quando desenhei os baobás, eu estava animado pelo sentimento de urgência.



Os baobás.

VI

Ah! principezinho, aos poucos fui conhecendo a sua vidinha melancólica. Você não teve muito tempo para outra distração, a não ser a doçura dos crepúsculos. Captei esse novo pormenor, no quarto dia de manhã, quando você me disse:

– Eu adoro os crepúsculos. Vamos ver um crepúsculo...

– Mas é preciso esperar...

– Esperar o quê?

– Esperar que o sol se ponha.

Você esboçou um ar de surpresa a princípio, depois riu de si mesmo. E me disse:

– Sempre penso que estou na minha casa!

De fato. Quando é meio-dia nos Estados Unidos, todo mundo sabe que o sol se põe na França. Bastaria ir à França num minuto para assistir ao pôr do sol. Infelizmente, a França está longe demais. Contudo, no seu planetinha, bastava você puxar a cadeira alguns passos. E contemplava o crepúsculo quantas vezes quisesse.



– Um dia vi o sol se pôr quarenta e quatro vezes!
E um pouco mais tarde, você acrescentou:

– Sabe... quando a gente está muito triste, ama os crepúsculos...

– Então, no dia das quarenta e quatro vezes, você estava muito triste?
O principezinho não respondeu.

VII

No quinto dia, sempre graças à ovelha, foi-me revelado este segredo da vida do pequeno príncipe. Ele me perguntou bruscamente, sem preâmbulos, como resultado de um problema meditado em silêncio por muito tempo:

– Uma ovelha, se come os arbustos, come também as flores?

– Uma ovelha come tudo o que encontra.

– Também as flores que têm espinhos?

– Sim. Também as flores que têm espinhos.

– Então, para que servem os espinhos?

Eu não o sabia. Estava ocupadíssimo tentando afrouxar um parafuso muito apertado do meu motor. Eu estava preocupado porque a pane dava mostras de ser algo muito grave, e a água para beber que se esgotava me fazia temer o pior.

– Para que servem os espinhos?

O pequeno príncipe jamais abria mão de uma pergunta, uma vez que a tivesse feito. Eu estava irritado por causa do parafuso, então respondi qualquer coisa:

– Os espinhos não servem para nada; é pura maldade das flores!

– Oh!

Após um silêncio, ele me jogou na cara, com certo rancor:

– Não acredito em você! As flores são fracas. São ingênuas. Elas se defendem como podem. Elas pensam que são terríveis com seus espinhos...

Não respondi nada. A essas alturas eu me dizia: “Se este parafuso continuar resistindo, vou fazê-lo saltar com uma martelada”. E o pequeno príncipe atrapalhou novamente minhas reflexões:

– E você acredita que as flores...

– Não, claro que não! Não creio nada! Falei uma coisa qualquer. Estou ocupado com coisas sérias!

Ele me olhou assustado.

– Coisas sérias!

Ele me via com meu martelo em punho e os dedos sujos de graxa, debruçado sobre um objeto que lhe parecia horroroso.

– Você fala como os adultos!

Fiquei meio envergonhado. Ele, porém, acrescentou, sem piedade:

– Você confunde tudo... embaralha tudo!

Ele estava realmente muito irritado. E sacudia ao vento seus cabelos cor de

ouro:

– Conheci um planeta em que havia um senhor muito vermelho. Ele nunca cheirou uma flor. Nunca olhou para uma estrela. Nunca amou ninguém. Nunca fez outra coisa senão somas. E o dia todo ele repete como você: “Sou um homem sério! Sou um homem sério!”, e isso o faz inchar de orgulho. Mas isso não é ser um homem, é ser um cogumelo!

– Um o quê?

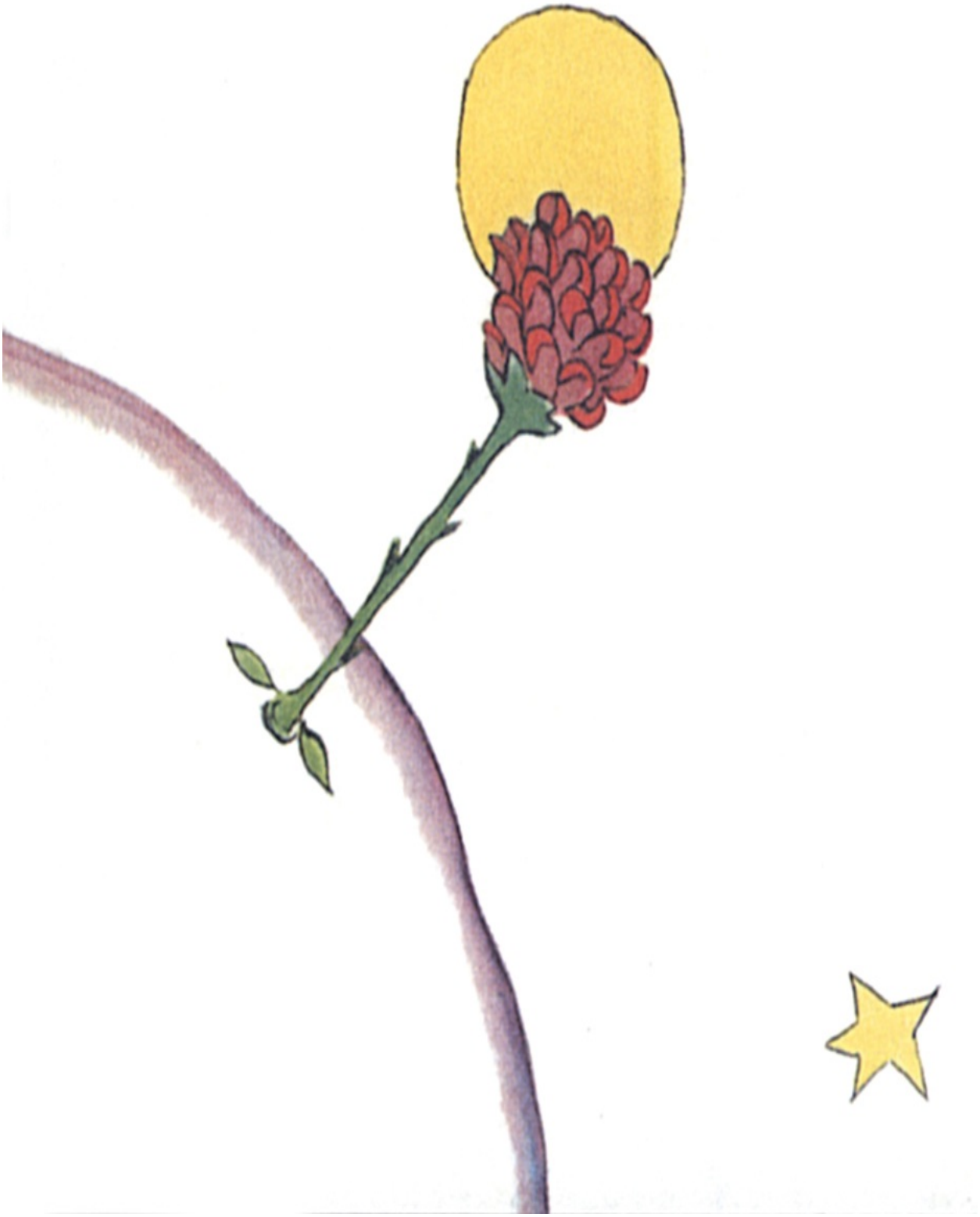
– Um cogumelo!

O principezinho estava agora pálido de raiva.

– Há milhões de anos que as flores produzem espinhos. Há milhões de anos que as ovelhas, apesar de tudo, comem as flores. E não é curioso procurar compreender por que elas perdem tanto tempo para produzir espinhos que nunca servem para nada? Não é importante a guerra das ovelhas e das flores? Não é mais importante e mais sério do que as contas de um homenzarrão vermelho? E se conheço uma flor única no mundo, que não existe em nenhuma outra parte, exceto no meu planeta, e que uma ovelhinha pode consumir numa bocada só, assim, numa manhã, sem dar-se conta do que ela faz, isso não é importante?

Corou, depois retomou:

– Se alguém ama uma flor, da qual existe um só exemplar em milhões e milhões de estrelas, isso basta para deixá-lo feliz quando as contempla. E diz a si mesmo: “Minha flor está em algum lugar...” Mas se a ovelha come a flor, isto é para ele como se, de repente, todas as estrelas se apagassem! E isso não é importante?



Não conseguiu dizer mais nada. Explodiu em soluços. Anoitecera. Larguei minhas ferramentas. Pouco me importava meu martelo, meu parafuso, a sede e a morte. Numa estrela, num planeta, o meu, a Terra, havia um principezinho a consolar! Tomei-o nos braços e o acalentava. E lhe dizia: “A flor que você ama não corre perigo... vou desenhar uma focinheira para a sua ovelha... vou desenhar uma couraça para a sua flor... Eu...” Não sabia bem o que dizer. Sentia-me tão desajeitado. Não sabia como atingi-lo ou reaproximá-lo... **É misterioso demais o país das lágrimas.**

VIII

Bem depressa aprendi a conhecer melhor essa flor. Sempre houvera, no planeta do principezinho, flores muito simples, ornadas de uma só fila de pétalas, e que não ocupavam lugar, e não incomodavam ninguém. Elas despontavam de manhã no meio da erva e murchavam de noite. Mas aquela germinara um dia, de uma semente vinda não se sabe de onde, e o pequeno príncipe havia vigiado de muito perto aquele raminho que não se assemelhava aos outros raminhos. Talvez fosse uma nova espécie de baobá. O arbusto logo parou de crescer, e começou a preparar uma flor. O principezinho, que assistia ao despontar de um botão enorme, pressentia que dali surgiria uma aparição milagrosa, mas a flor não acabava nunca de preparar a sua beleza, protegida em seu quarto verde. Ela escolhia cuidadosamente suas cores. Vestia-se lentamente, arrumando suas pétalas uma a uma. Não queria sair toda amarrotada como as papoulas. Não queria aparecer senão no máximo esplendor de sua beleza. Oh! Sim. Ela era muito vaidosa! Sua misteriosa toalete havia durado dias e dias. E eis que certa manhã, justamente ao surgir do sol, ela se mostrou.



E ela, que havia trabalhado com tanto capricho, disse bocejando:

– Ah! Acordei agorinha... Desculpe... Estou ainda toda despenteada...

O principezinho, então, não pôde conter sua admiração:

– Como você é linda!

– É verdade – respondeu docemente a flor. – E nasci ao mesmo tempo que o sol...

O pequeno príncipe percebeu logo que ela não era muito modesta, por outro lado, era tão envolvente!

– Acho que está na hora do café da manhã – ela apressou-se em acrescentar –, tenha a bondade de pensar em mim...

E o pequeno príncipe, todo embaraçado, foi buscar um regador com água fresca e prestou serviço à flor.



Desse modo, por sua vaidade um pouco melindrosa, ela logo começou a atormentar o pequeno príncipe. Um belo dia, por exemplo, falando de seus quatro espinhos, ela dissera ao principezinho:

– Que venham os tigres, com suas garras!



– Não existem tigres no meu planeta – objetou o principezinho –; ademais, os

tigres não comem erva.

– Eu não sou erva – respondeu docemente a flor.

– Perdão...

– Não tenho medo nenhum de tigres, mas tenho horror a correntes de ar. Não teria você um para-vento?



“Horror a correntes de ar... isso é grave para uma planta”, pensou o pequeno príncipe. “Essa flor é muito complicada...”

– À noite você me colocará debaixo da redoma. Faz muito frio onde você

mora. Falta comodidade. Lá de onde venho...

Mas ela se interrompeu. Pois viera em forma de semente. Ela não pudera conhecer nada dos outros mundos. Humilhada por deixar-se surpreender inventando uma mentira tão ingênua, ela tossiu duas ou três vezes, para fazer o principezinho sentir-se culpado:

– E o para-vento?...

– Eu ia procurá-lo, mas você estava falando!



Então ela forçou a tosse para incutir-lhe remorsos.

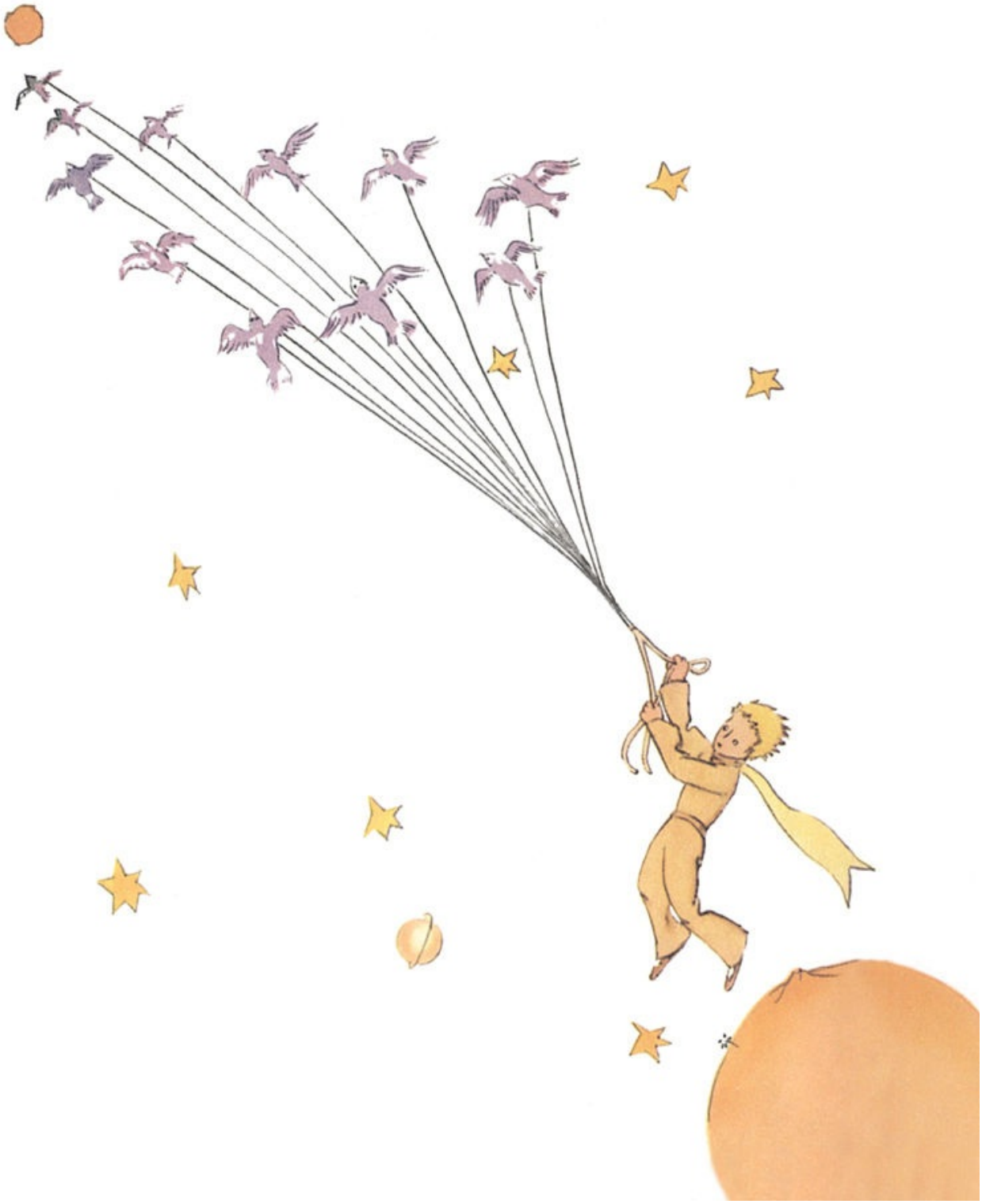
Assim o principezinho, apesar da boa vontade do seu amor, logo duvidou dela. Ele tinha levado a sério palavras sem importância, e sentia-se muito mal.

“Não deveria tê-la escutado” – me confessou ele um dia –, “nunca se deve dar

ouvido às flores. O que se deve é olhar para elas e cheirá-las. A minha perfumava meu planeta, mas eu não era capaz de alegrar-me com isso. Aquela história de garras, que me deixou muito chateado, deveria ter me comovido...”

E me confidenciou ainda:

“Não fui capaz de compreender nada naquela ocasião! **Eu deveria tê-la julgado pelos atos, e não pelas palavras.** Ela me perfumava e iluminava. Jamais eu deveria ter fugido! Deveria ter adivinhado sua ternura atrás de suas pobres manhas. As flores são tão contraditórias! Mas eu era demasiado jovem para saber amá-la”.



IX

Penso que, para fugir, o principezinho aproveitou uma migração de pássaros selvagens. Na manhã da partida, ele deixou bem em ordem o seu planeta. Limpou cuidadosamente seus vulcões em atividade. Ele possuía dois vulcões em atividade. Facilitavam esquentar o café da manhã. Ele possuía também um vulcão extinto. Mas, como ele dizia: “Nunca se sabe!” Então limpou igualmente o vulcão extinto. Se forem bem faxinados, os vulcões queimam suave e regularmente, sem erupções. As erupções vulcânicas são como fagulhas de chaminé. Evidentemente em nossa terra somos demasiado pequenos para faxinar nossos vulcões. É por isso que eles nos causam tantos transtornos.

Com uma ponta de melancolia, o principezinho arrancou também os últimos brotos de baobá. Ele pensava que nunca mais voltaria. Mas todos esses trabalhos corriqueiros lhe pareceram, naquela manhã, extremamente leves. E quando ele regou a flor pela última vez, e preparou-se para protegê-la sob a redoma, sentiu vontade de chorar.

– Adeus – disse ele à flor.

Mas ela não lhe respondeu.

– Adeus – repetiu.

A flor tossiu. Porém, não foi por causa do seu resfriado.

– Fui tola – ela lhe disse, enfim. – Peço-lhe perdão. Trate de ser feliz.

Ele ficou surpreso pela ausência de censuras. Permaneceu ali desnorteado, com a redoma na mão. Não compreendia aquela mansidão.

– É claro que amo você – disse-lhe a flor. – Nunca lhe falei sobre isso, a culpa é minha. Não faz mal. Mas você foi tão tolo quanto eu. Trate de ser feliz... Deixe em paz essa redoma. Não a quero mais.

– Mas o vento...

– Não estou tão resfriada assim... a brisa da noite me fará bem. Sou uma flor.

– Mas os bichos...

– Terei de suportar duas ou três lagartas se quiser saber como são as borboletas. Dizem que são muito bonitas. Se não, quem virá visitar-me? Você estará longe. Quanto aos bichos grandes, não tenho medo algum. Tenho as minhas garras.

E mostrou, ingenuamente, seus quatro espinhos. Depois acrescentou:

– Não demore tanto assim, que me irrita. Você decidiu partir. Então, vá. Pois não queria que ele a visse chorar. Era uma flor tão orgulhosa...

X

Ele se encontrava na região dos asteroides 325, 326, 327, 328, 329 e 330. Começou então a visitá-los com o objetivo de se ocupar e de se instruir.

O primeiro era habitado por um rei. O rei, vestido de púrpura e arminho, estava sentado num trono muito simples, porém majestoso.



– Ah! Um súdito – exclamou o rei quando avistou o pequeno príncipe.

E o principezinho se perguntou:

– Como pode ele me reconhecer, se nunca me viu?

Ele não sabia que, para os reis, o mundo é muito simplificado. Todos os homens são súditos.

– Aproxime-se para que o veja melhor – disse-lhe o rei todo orgulhoso de ser finalmente um rei para alguém.

O pequeno príncipe olhou ao redor onde sentar-se, mas o planeta estava todo ocupado pelo magnífico manto de arminho. Por isso ficou de pé e, cansado que estava, bocejou.

– É contra a etiqueta bocejar na presença de um rei – disse-lhe o monarca. – Eu lho proíbo.

– Não consigo evitar – respondeu envergonhado o principezinho. – Fiz uma longa viagem e não dormi...

– Então – disse-lhe o rei – eu lhe ordeno que boceje. Faz anos que não vejo alguém bocejar. Os bocejos são curiosidades para mim. Vamos! Boceje mais. É uma ordem.

– Isso me intimida... já não consigo... – disse o principezinho enrubescendo.

– Hum! Hum! – respondeu o rei. – Então... eu lhe ordeno ora bocejar ora...

Ele gaguejava um pouco e parecia contrariado.

Pois o rei fazia questão de que sua autoridade fosse respeitada. Não tolerava a desobediência. Era um monarca absoluto. Porém, como era muito bom, dava ordens sensatas.

“Se eu ordenasse, costumava dizer, se eu ordenasse a um general que se transformasse num pássaro marinho, e se o general não obedecesse, não seria culpa do general. Seria culpa minha.”

– Posso sentar-me? – perguntou timidamente o pequeno príncipe.

– Eu lhe ordeno sentar-se – respondeu-lhe o rei, puxando majestosamente uma aba do manto de arminho.

O pequeno príncipe estava surpreso. O planeta era minúsculo. O rei reinaria sobre o quê?

– Majestade... – disse-lhe ele –, peço desculpa por interrogá-lo.

– Eu lhe ordeno que me interrogue – apressou-se o rei a lhe dizer.

– Majestade... sobre o que exerce seu poder?

– Sobre tudo – respondeu o rei, com grande simplicidade.

– Sobre tudo?

Com um gesto discreto, o rei mostrou o seu planeta, os outros planetas e as

estrelas.

– Sobre tudo isso? – perguntou o principezinho.

– Sobre tudo isso... – respondeu o rei.

Pois não era apenas um monarca absoluto, era um monarca universal.

– E as estrelas lhe obedecem?

– Claro – disse-lhe o rei. – Elas obedecem prontamente. Não tolero a indisciplina.

Tamanho poder deixou o principezinho maravilhado. Se ele o possuísse, poderia ter assistido não só a quarenta e quatro, mas a setenta e dois, ou mesmo a cem, ou até a duzentos crepúsculos no mesmo dia, sem nunca ter de arredar a cadeira! E, visto que se sentia um pouco triste com a lembrança do seu planetazinho, que ele havia deixado, atreveu-se a pedir ao rei uma graça:

– Eu gostaria de ver um pôr do sol... Por favor... Ordene que o sol se ponha...

– Se eu desse ordem a um general que voasse de flor em flor, como uma borboleta, ou de escrever uma tragédia, ou de se transformar em pássaro marinho, e se o general não executasse a ordem recebida, quem estaria errado, o general ou eu?

– O senhor – disse firmemente o pequeno príncipe.

– Exato. É preciso exigir de cada um o que cada um consegue dar – replicou o rei. – A autoridade se baseia primeiramente na razão. Se você ordenar ao seu povo que se jogue no mar, ele se revoltará. Tenho o direito de exigir a obediência porque minhas ordens são sensatas.

– E o meu pôr do sol? – lembrou o principezinho, que nunca esquecia uma pergunta que tivesse feito.

– Seu pôr do sol, você o terá. Eu o exigirei. Mas, conforme meus conhecimentos de boa administração, vou esperar que as condições sejam favoráveis.

– Quando isso acontecerá? – quis saber o pequeno príncipe.

– Hum! Hein! – respondeu-lhe o rei, que consultou primeiramente um enorme calendário. – Hein! Hein! será por volta... será nesta noite por volta das sete horas e quarenta! E você verá como vão me obedecer cegamente.

O principezinho bocejou. Lamentava a falta do seu pôr do sol. Ademais, estava um pouco chateado:

– Não tenho mais nada a fazer aqui – disse ele ao rei. – Vou-me embora!

– Não vá, não – respondeu o rei, que se sentia muito orgulhoso de ter um súdito. – Não vá, farei de você um ministro.

– Ministro de quê?

– De... da justiça!

– Mas não há ninguém a quem julgar!

– Não se sabe – disse-lhe o rei. – Ainda não fiz a ronda do meu reino. Estou muito velho, não tenho lugar para uma carruagem, e me canso de caminhar.

– Oh! Mas eu já vi – disse o pequeno príncipe, inclinando-se para dar ainda uma olhada sobre a outra parte do planeta. – Mesmo lá longe não há ninguém.

– Então você julgará a si mesmo – respondeu-lhe o rei. – É a coisa mais difícil. **É bem mais difícil julgar a si mesmo do que julgar os outros. Se você conseguir julgar bem a si mesmo, é sinal de que é um verdadeiro sábio.**

– Eu – disse o pequeno príncipe – posso julgar a mim mesmo em qualquer lugar. Não preciso morar aqui.

– Hein! Hein! – disse o rei. – Tenho quase certeza de que em alguma parte do meu planeta há um velho rato. Eu o escuto de noite. Você poderá julgar esse velho rato. Você o condenará à morte de vez em quando. Assim a vida dele dependerá da sua justiça. Mas toda vez você o perdoará, para poupá-lo. Só existe um.

– Eu – respondeu o principezinho – não gosto de condenar à morte, prefiro ir embora daqui.

– Não – disse o rei.

Tendo terminado os seus preparativos e não querendo magoar o velho monarca, o pequeno príncipe disse:

– Se Vossa Majestade desejasse que lhe obedecessem pontualmente, podia dar-me uma ordem sensata. Poderia ordenar-me, por exemplo, a partir em menos de um minuto. Penso que as condições são favoráveis...

Como o rei nada respondia, o principezinho primeiro hesitou, depois, suspirando, partiu.

– Eu o nomeio meu embaixador – apressou-se o rei a gritar.

Tinha uma pose de grande autoridade.

“Os adultos são mesmo muito estranhos”, disse a si mesmo o pequeno príncipe durante sua viagem.

XI

No segundo planeta vivia um vaidoso:

– Ah Ah! Eis a visita de um admirador! – exclamou de longe o vaidoso, assim que notou a presença do pequeno príncipe.

Pois, para os vaidosos, as outras pessoas são admiradoras.

– Bom dia – disse o principezinho. – Você usa um chapéu engraçado.

– É para cumprimentar – respondeu-lhe o vaidoso. – É para cumprimentar quando me aplaudem. Infelizmente nunca passa alguém por aqui.

– Ah, sim? – disse-lhe o pequeno príncipe, sem compreender.

– Bata suas mãos uma na outra – sugeriu então o vaidoso.



O pequeno príncipe bateu suas mãos uma na outra. O vaidoso cumprimentou modestamente tirando o chapéu.

“Isso é mais divertido do que a visita ao rei”, disse a si mesmo o pequeno príncipe. E recomeçou a bater suas mãos uma na outra. O vaidoso recomeçou a cumprimentar tirando o chapéu.

Depois de cinco minutos de exercício, o pequeno príncipe se cansou da brincadeira monótona:

– E para o chapéu cair – perguntou-lhe –, o que é preciso fazer?

O vaidoso, porém, não o ouviu. **Os vaidosos ouvem somente elogios.**

– Você me admira muito, mesmo? – perguntou ao pequeno príncipe.

– O que significa “admirar”?

– “Admirar” significa “reconhecer que sou o homem mais bonito, mais elegante, mais rico e mais inteligente do planeta”.

– Mas você vive sozinho no seu planeta!

– Dê-me este prazer. Admire-me, mesmo assim!

– Eu o admiro – disse o principezinho, dando de ombros –, mas que importância tem isso para você?

E o pequeno príncipe foi embora.

“Os adultos são decididamente muito esquisitos”, ia ele pensando com simplicidade durante sua viagem.

XII

O planeta seguinte era habitado por um beberrão. A visita foi muito breve, mas deixou o principezinho profundamente triste:

– O que está fazendo aqui? – perguntou ao beberrão, acomodado em silêncio diante de uma coleção de garrafas vazias e uma coleção de garrafas cheias.

– Bebo – respondeu o beberrão, com uma fisionomia triste.

– Por que bebe? – perguntou-lhe o principezinho.

– Para esquecer – respondeu o beberrão.



– Esquecer o quê? – quis saber o pequeno príncipe, que começava já a sentir pena dele.

– Para esquecer que tenho vergonha – confessou o beberrão, abaixando a cabeça.

– Vergonha de quê? – perguntou o pequeno príncipe, que desejava ajudá-lo.

– Vergonha de beber! – arrematou o beberrão, que se fechou definitivamente no silêncio.

E o pequeno príncipe retirou-se, perplexo.

“Os adultos são decididamente muito, muito estranhos”, ia ele pensando

durante a viagem.

XIII

O quarto planeta era o do homem de negócios. Estava tão atarefado que nem ergueu a cabeça com a chegada do pequeno príncipe.

– Bom dia – este lhe disse. – Seu cigarro está apagado.



– Três e dois são cinco. Cinco e sete, doze. Doze e três, quinze. Bom dia. Quinze e sete, vinte e dois. Vinte e dois e seis, vinte e oito. Não tenho tempo para reacendê-lo. Vinte e seis e cinco, trinta e um. Ufa! Total: quinhentos e um milhões, seiscentos e vinte e dois mil, setecentos e trinta e um.

– Quinhentos milhões de quê?

– Hein? Você ainda está aí? Quinhentos e um milhões de... já não sei... Estou

tão atarefado! Sou um homem sério, não perco tempo com bagatelas! Dois e cinco, sete...

– Quinhentos e um milhões de quê? – repetiu o principezinho, que nunca em sua vida abria mão de uma pergunta que houvesse feito.

O homem de negócios ergueu a cabeça:

– Faz cinquenta e quatro anos que moro neste planeta e só fui incomodado três vezes. A primeira vez foi há vinte e dois anos, por um besouro que caiu sabe Deus de onde. Fazia um barulho espantoso, e eu cometi quatro erros numa soma. A segunda vez foi há onze anos, devido a um ataque de reumatismo. Não faço exercício. Não tenho tempo para espairecer. Sou um homem sério. A terceira vez... é esta! Eu estava dizendo, então, quinhentos e um milhões...

– Milhões de quê?

O homem de negócios compreendeu que não havia esperança de paz:

– Milhões dessas coisinhas que se veem por vezes no céu.

– Moscas?

– Não. Coisinhas que brilham.

– Abelhas?

– Não. Coisinhas douradas que fazem os desocupados sonhar. Mas eu sou sério! Não tenho tempo para devaneios.

– Ah! Estrelas?

– Isso mesmo. Estrelas.

– E o que você faz com quinhentos milhões de estrelas?

– Quinhentos e um milhões, seiscentos e vinte e duas mil, cento e trinta e uma estrelas. Sou sério, sou exato.

– E o que você faz com essas estrelas?

– O que faço?

– Sim.

– Nada. Eu as possuo.

– Você possui as estrelas?

– Sim.

– Mas eu já vi um rei que...

– Os reis não possuem. Eles “reinam” sobre. É bem diferente.

– E para que lhe serve possuir as estrelas?

– Serve-me para ficar rico.

– E para que lhe serve ficar rico?

– Para comprar outras estrelas, se alguém as descobrir.

“Esse aí”, dizia a si mesmo o principezinho, “raciocina um pouco como o meu beberrão.”

Entretanto, fez ainda algumas perguntas:

– Como se pode possuir as estrelas?

– De quem são elas? – replicou, de mau humor, o homem de negócios.

– Não sei. De ninguém.

– Então elas são minhas, porque eu pensei nelas antes.

– Basta isso?

– Claro. Quando você encontra um diamante que não é de ninguém, ele é seu. Quando você encontra uma ilha que não é de ninguém, ela é sua. Quando você tem uma ideia antes, você tira a patente dela: ela se torna sua. E eu possuo as estrelas, pois ninguém antes de mim nunca sonhou em possuí-las.

– É verdade – disse o principezinho. – E o que faz com elas?

– Eu as administro. Conto-as e reconto – disse o homem de negócios. – É complicado. Mas sou um homem sério!

O pequeno príncipe ainda não estava satisfeito.

– Eu, se tenho um cachecol, posso colocá-lo ao redor do pescoço e levá-lo comigo. Se tenho uma flor, posso colhê-la e transportá-la. Mas você não pode colher as estrelas!

– É verdade, mas posso depositá-las no banco.

– O que quer dizer isso?

– Quer dizer que eu escrevo num papelzinho o número das minhas estrelas. E depois tranco esse papelzinho numa gaveta.

– E isso basta?

– Basta!

"É divertido", pensou o principezinho. "É bastante poético. Mas não muito sério."

A respeito das coisas sérias, o principezinho tinha ideias muito diferentes das que os adultos têm.

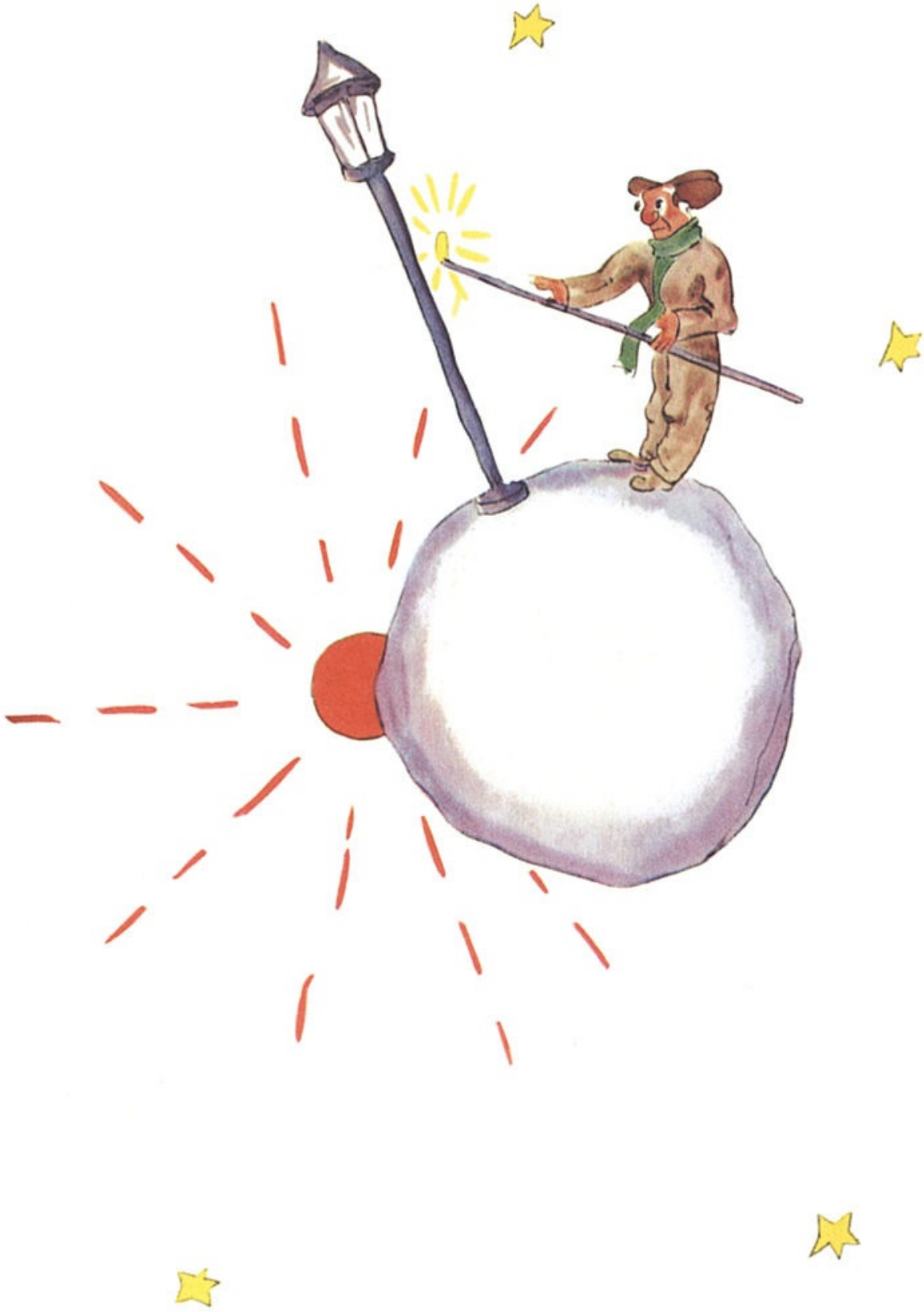
– Eu – disse ele ainda – possuo uma flor que rego todos os dias. Possuo três vulcões que limpo todas as semanas. Pois limpo também o que está extinto. Nunca se sabe. Para meus vulcões e para minha flor, é útil que eu os possua. Mas você não é útil para suas estrelas…

O homem de negócios abriu a boca, mas nada encontrou para responder, e o pequeno príncipe foi embora.

"Decididamente os adultos são mesmo extraordinários", ia ele pensando com seus botões durante a viagem.

XIV

O quinto planeta era muito curioso. Era o menor de todos. Havia ali lugar apenas para um lampião e um acendedor de lampiões. O pequeno príncipe não conseguia entender para que serviam, em algum lugar no céu, num planeta sem casa nem população, um lampião e um acendedor de lampiões. Entretanto, disse a si mesmo:



“Talvez este homem seja mesmo absurdo. No entanto, é menos absurdo que o rei, que o vaidoso, que o homem de negócios e que o beberrão. Ao menos o trabalho dele tem um sentido. Quando ele acende seu lampião, é como se fizesse nascer uma estrela a mais, ou uma flor. Quando ele apaga seu lampião, é como se fizesse adormecer a flor ou a estrela. É uma ocupação muito bonita. É verdadeiramente útil porque é bonita.

Quando chegou ao planeta, ele cumprimentou respeitosamente o acendedor:

– Bom dia. Por que você acaba de apagar o seu lampião?

– É a norma – respondeu o acendedor. – Bom dia.

– O que é a norma?

– É apagar o meu lampião. Boa noite.

E o acendeu novamente.

– Mas por que acaba de reacendê-lo?

– É a norma – respondeu o acendedor.

– Não compreendo – disse o principezinho.

– Não há nada a compreender – disse o acendedor. – Norma é norma. Bom dia.

E apagou o seu lampião.

Depois enxugou a testa com um lenço de xadrez vermelho.

– É um trabalho terrível. Era compreensível em outra época. Apagava de manhã e acendia de noite. Tinha o resto do dia para descansar, e o resto da noite para dormir…

– E, desde então, a norma mudou?

– A norma não mudou – disse o acendedor. – É justamente esse o drama! O planeta, a cada ano, gira mais veloz, e a norma não mudou!

– Então? – disse o pequeno príncipe.

– Então agora que ele dá um giro por minuto, não tenho sequer um segundo de descanso. Acendo e apago uma vez por minuto!

– É engraçado! Onde você mora, os dias duram um minuto!

– Não vejo graça nenhuma – diz o acendedor. – Já faz um mês que estamos conversando.

– Um mês?

– Sim. Trinta minutos. Trinta dias! Boa noite.

E reacendeu o seu lampião.

O pequeno príncipe observou e gostou desse acendedor que era fidelíssimo à norma. Lembrou-se dos crepúsculos que, outrora, ele próprio procurava, puxando sua cadeira. Quis ajudar seu amigo:

– Olhe… eu sei um jeito para você descansar quando quiser…

– Eu sempre quero – disse o acendedor.

Pois é possível ser, ao mesmo tempo, fiel e preguiçoso.

O principezinho prosseguiu:

– O seu planeta é tão pequeno que você pode percorrê-lo com três passadas. Basta caminhar devagarinho para permanecer sempre ao sol. Quando quiser descansar, você caminhará… e o dia durará o tempo que você quiser.

– Isso não me traz grande benefício – diz o acendedor. – O que mais aprecio nesta vida é dormir.

– Que azar! – disse o pequeno príncipe.

– Que azar! – disse o acendedor. Bom dia.

E apagou o seu lampião.

“Esse aí”, disse o principezinho a si mesmo, enquanto prosseguia sua viagem, “esse seria desprezado por todos os outros: pelo rei, pelo vaidoso, pelo beberrão, pelo homem de negócios. No entanto, é o único que não me parece ridículo. Talvez por não se preocupar apenas consigo mesmo.”

Suspirou entristecido e disse a si mesmo uma vez mais: “Esse é o único que eu poderia escolher para meu amigo. Mas o planeta dele é realmente muito pequeno. Não há lugar para dois…”

O que o principezinho não ousava confessar a si mesmo era que tinha pena de deixar aquele abençoado planeta, principalmente por causa dos mil quatrocentos e quarenta crepúsculos em vinte e quatro horas!

XV

O sexto planeta era dez vezes maior. Vivia lá um senhor de idade que escrevia livros enormes.

– Vejam só! Um explorador! – exclamou ele, ao avistar o pequeno príncipe.

O principezinho sentou-se à mesa, meio ofegante. Tinha viajado demais!



– De onde você vem? – perguntou-lhe o senhor idoso.

– O que é esse livrão? – indagou o pequeno príncipe. – O que o senhor faz aqui?

– Sou geógrafo – disse o senhor idoso.

– O que é um geógrafo?

– É um estudioso que sabe onde ficam os mares, os rios, as cidades, as montanhas e os desertos.

– Isso é muito interessante – disse o pequeno príncipe. – Essa sim é uma verdadeira profissão!

E deu uma espiada ao seu redor no planeta do geógrafo. Nunca tinha visto um planeta tão majestoso.

– Muito bonito o seu planeta. Ele tem oceanos?

– Não faço ideia – disse o geógrafo.

– Ah! (O principezinho ficou decepcionado.) E montanhas?

– Não faço ideia – disse o geógrafo.

– E cidades e rios e desertos?

– Também não faço ideia – disse o geógrafo.

– Mas o senhor é geógrafo!

– Exato – disse o geógrafo –, mas não sou explorador. Tenho absoluta falta de exploradores. Não é o geógrafo que faz a contagem das cidades, dos rios, das montanhas, dos mares, dos oceanos e dos desertos. O geógrafo é demasiado importante para ficar passeando. Não sai do seu escritório. Mas recebe aí os exploradores. Ele os interroga e anota suas informações. E se as informações de um deles forem consideradas interessantes, o geógrafo manda fazer uma pesquisa sobre a moralidade do explorador.

– Por quê?

– Porque um explorador que mentisse provocaria catástrofes nos livros de geografia. Também um explorador que bebesse demais.

– Por quê? – indagou o pequeno príncipe.

– Porque os bêbados enxergam em dobro. Então o geógrafo marcaria duas montanhas onde existe apenas uma.

– Conheço alguém – disse o pequeno príncipe – que seria um mau explorador.

– É possível. Por isso, quando a moralidade do explorador parece boa, faz-se uma pesquisa a respeito da sua descoberta.

– Alguém vai conferir?

– Não. É muito complicado. Mas se exige que o explorador forneça as provas. Se se trata, por exemplo, da descoberta de uma enorme montanha, exige-se que ele traga grandes pedras.

De repente o geógrafo estremeceu:

– Mas você, você vem de longe! Você é explorador! Descreva-me o seu planeta!

E o geógrafo, tendo aberto sua caderneta de anotações, fez a ponta do lápis.

Primeiramente, anotam-se a lápis os relatos dos exploradores. Para anotar com a caneta, espera-se que o explorador forneça as provas.

– E então? – perguntou o geógrafo.

– Oh! O meu planeta – disse o principezinho – não é nada interessante, é pequenino. Tenho três vulcões. Dois em atividade, e um extinto. Mas nunca se sabe.

– Nunca se sabe – repetiu o geógrafo.

– Tenho também uma flor.

– Não anotamos as flores – disse o geógrafo.

– Por que não? É o que há de mais belo!

– Por que as flores são efêmeras.

– O que significa “efêmero”?

– Os livros de geografia – disse o geógrafo – são os mais confiáveis dentre todos os livros. Eles nunca ficam ultrapassados. É raríssimo que uma montanha mude de lugar. É raríssimo que um oceano se esvazie de sua água. Escrevemos coisas eternas.

– Mas os vulcões extintos podem despertar – interrompeu o pequeno príncipe. – O que significa “efêmero?”

– Quer os vulcões estejam extintos ou em atividade, para nós isso dá no mesmo – disse o geógrafo. – O que nos interessa é a montanha. Ela não muda.

– Mas o que significa “efêmero”? – repetiu o pequeno príncipe, que, em sua vida, jamais desistia de uma pergunta uma vez que a tivesse feito.

– Significa “que está ameaçado de desaparecer em breve”.

– Minha flor está ameaçada de desaparecer em breve?

– Sem dúvida.

“Minha flor é efêmera”, disse a si mesmo o pequeno príncipe, “e tem apenas quatro espinhos para se defender do mundo! E eu a deixei lá totalmente só!”

Sentiu seu primeiro ímpeto de remorso. Mas recobrou coragem:

– O que o senhor me sugere visitar? – perguntou ele.

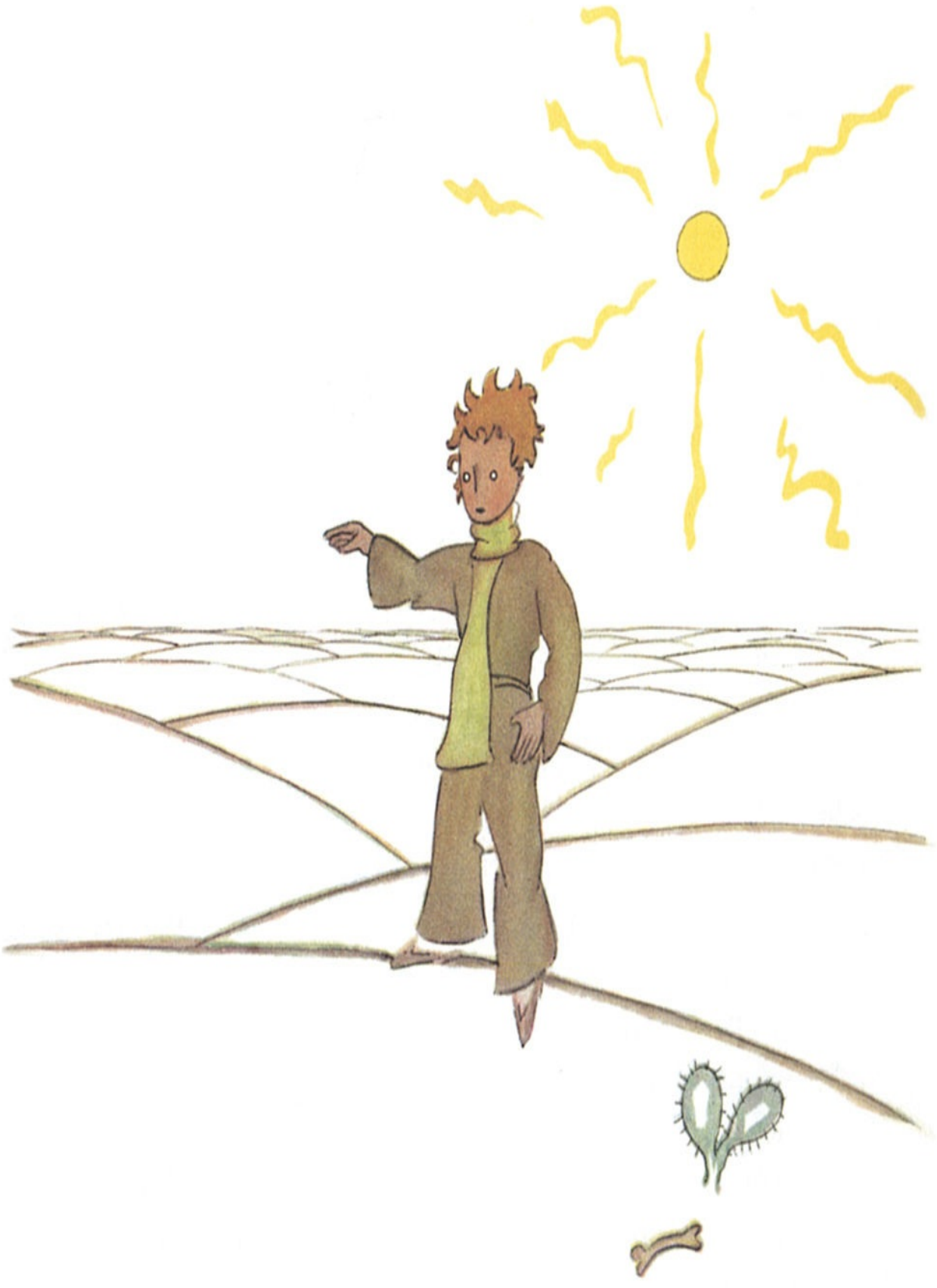
– O planeta Terra – respondeu-lhe o geógrafo. – Ele goza de boa reputação…

E o pequeno príncipe foi embora, pensando na sua flor.

XVI

O sétimo planeta foi, portanto, a Terra.

A Terra não é um planeta qualquer. Lá existem cento e onze reis (sem esquecer, é claro, os reis negros), sete mil geógrafos, novecentos mil homens de negócio, sete milhões e meio de beberrões, trezentos e onze milhões de vaidosos, isto é, cerca de dois bilhões de adultos.



Para lhes dar uma ideia das dimensões da Terra, direi que, antes da invenção da eletricidade, era necessário manter, no conjunto dos seis continentes, um verdadeiro exército de quatrocentos e sessenta e dois mil, quinhentos e onze acendedores de lampiões.

Visto de certa distância, isso causava um efeito maravilhoso. Os movimentos desse exército eram regulados como os de um balé de ópera. Primeiramente, a vez dos acendedores de lampiões da Nova Zelândia e da Austrália. Depois, tendo estes acendido seus lampiões, iam dormir. Então, por sua vez, entravam na dança os acendedores de lampiões da China e da Sibéria. Em seguida, eles também se retiravam para seus bastidores. Então era a vez dos acendedores de lampiões da Rússia e das Índias. Depois, os da África e da Europa. Na sequência, os da América do Sul. Enfim, os da América do Norte. E jamais se confundiam na ordem de entrada em cena. Era algo grandioso.

O acendedor do único lampião do polo Norte, e seu colega do único lampião do polo Sul, somente eles levavam vida ociosa e negligente: trabalhavam duas vezes por ano.

XVII

Quando alguém quer fazer graça, acaba mentindo um pouco. Não fui muito honesto ao falar-lhes dos acendedores de lampiões. Corro o risco de passar uma ideia falsa a respeito do nosso planeta aos que não o conhecem. Os homens ocupam na Terra muito pouco espaço. Se os dois bilhões de habitantes que povoam a Terra se colocassem de pé e um pouco apertados, como para um comício, eles caberiam facilmente numa praça pública de vinte quilômetros de comprimento por vinte quilômetros de largura. Seria possível amontoar a humanidade na menor ilha do Pacífico.



Os adultos certamente não acreditarão em vocês, pois imaginam ocupar muito espaço. Consideram-se importantes como baobás. Vocês os aconselharão a fazer o cálculo. Eles adoram os números: vão gostar. Mas vocês, não percam tempo com essa tarefa chata. É inútil. Vocês acreditam em mim.

Tendo chegado à Terra, o principezinho ficou muito surpreso por não ver ninguém. Já suspeitava ter errado de planeta quando viu se mexer na areia um anel da cor da lua.

– Boa noite – disse o pequeno príncipe, ao acaso.

– Boa noite – respondeu a serpente.

– Em que planeta vim cair? – perguntou o principezinho.

– Na Terra – respondeu a serpente –, na África.

– Ah!... E não há ninguém na Terra?

– Aqui é o deserto. Não há ninguém nos desertos. A Terra é grande – disse a serpente.

O pequeno príncipe sentou-se sobre uma pedra e ergueu os olhos para o céu:

– Eu me pergunto – disse ele – se as estrelas são iluminadas a fim de que cada um possa um dia encontrar a sua. Olhe para o meu planeta. Ele está justamente em cima de nós... mas como está distante!

– Ele é bonito – disse a serpente. – O que você vem fazer aqui?

– Tenho problemas com uma flor – disse o pequeno príncipe.

– Ah! – fez a serpente.

E ficaram em silêncio.

– Onde estão as pessoas? – retomou enfim o principezinho. – A gente se sente um pouco sozinho no deserto...

– Também entre as pessoas a gente se sente um pouco sozinho – disse a serpente.

O pequeno príncipe olhou para ela demoradamente:

– Você é um bicho engraçado – disse-lhe, enfim –, fino como um dedo...

– Porém, sou mais poderosa que o dedo de um rei – retrucou a serpente.

O principezinho sorriu.

– Não é assim tão poderosa... você nem patas tem... nem pode viajar...

– Eu posso levar você mais longe que um navio – disse a serpente.

Ela se enrolou no tornozelo do pequeno príncipe, como se fosse uma pulseira de ouro:

– Aquele em quem eu tocar, mando de volta para a terra de onde veio – disse ela. – Mas você é puro e vem

de uma estrela...

O pequeno príncipe nada respondeu.

– Tenho pena de você, tão frágil, nesta Terra de granito. Posso ajudá-lo um dia, caso sinta muita saudade do seu planeta. Posso...

– Oh! Compreendi perfeitamente – disse o pequeno príncipe –, mas por que você fala sempre por enigmas?

– Eu os decifro todos – disse a serpente.

E se calaram.

XVIII

O principezinho atravessou o deserto e a única coisa que encontrou foi uma flor. Uma flor de três pétalas, uma florzinha de nada...

– Bom dia – disse o pequeno príncipe.

– Bom dia – respondeu a flor.

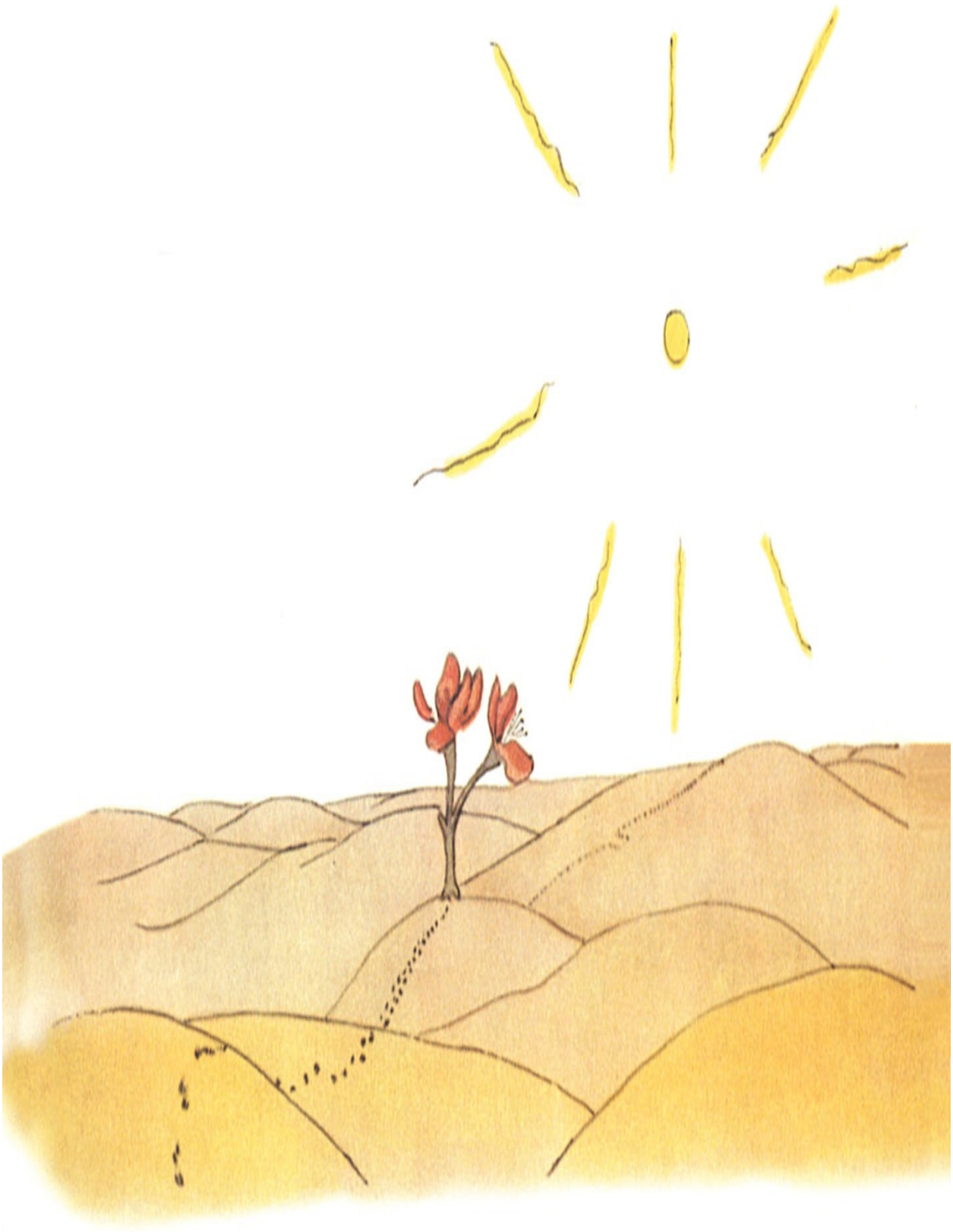
– Onde estão as pessoas? – perguntou educadamente o pequeno príncipe.

A flor, um dia, tinha visto passar uma caravana:

– As pessoas? Penso que não há mais do que seis ou sete. Eu as vi há alguns anos. Mas nunca se sabe onde encontrá-las. O vento as leva. Elas não têm raízes. Isso as incomoda muito.

– Adeus – disse o principezinho.

– Adeus – disse a flor.



XIX

O pequeno príncipe escalou uma alta montanha. As únicas montanhas que até então ele havia conhecido eram os três vulcões que lhe chegavam à altura do joelho. E ele se servia de um vulcão extinto como tamborete. “De uma montanha alta como esta”, disse para si mesmo, “conseguirei avistar, num piscar de olhos, todo o planeta e todos os homens...”. Mas ele avistou somente picos rochosos bem pontiagudos.

– Bom dia – disse ele à toa.

– Bom dia... bom dia... bom dia... – respondeu o eco.

– Quem são vocês? – disse o pequeno príncipe.

– Quem são vocês... quem são vocês... quem são vocês... – respondeu o eco.

– Sejam meus amigos, estou sozinho – disse ele.

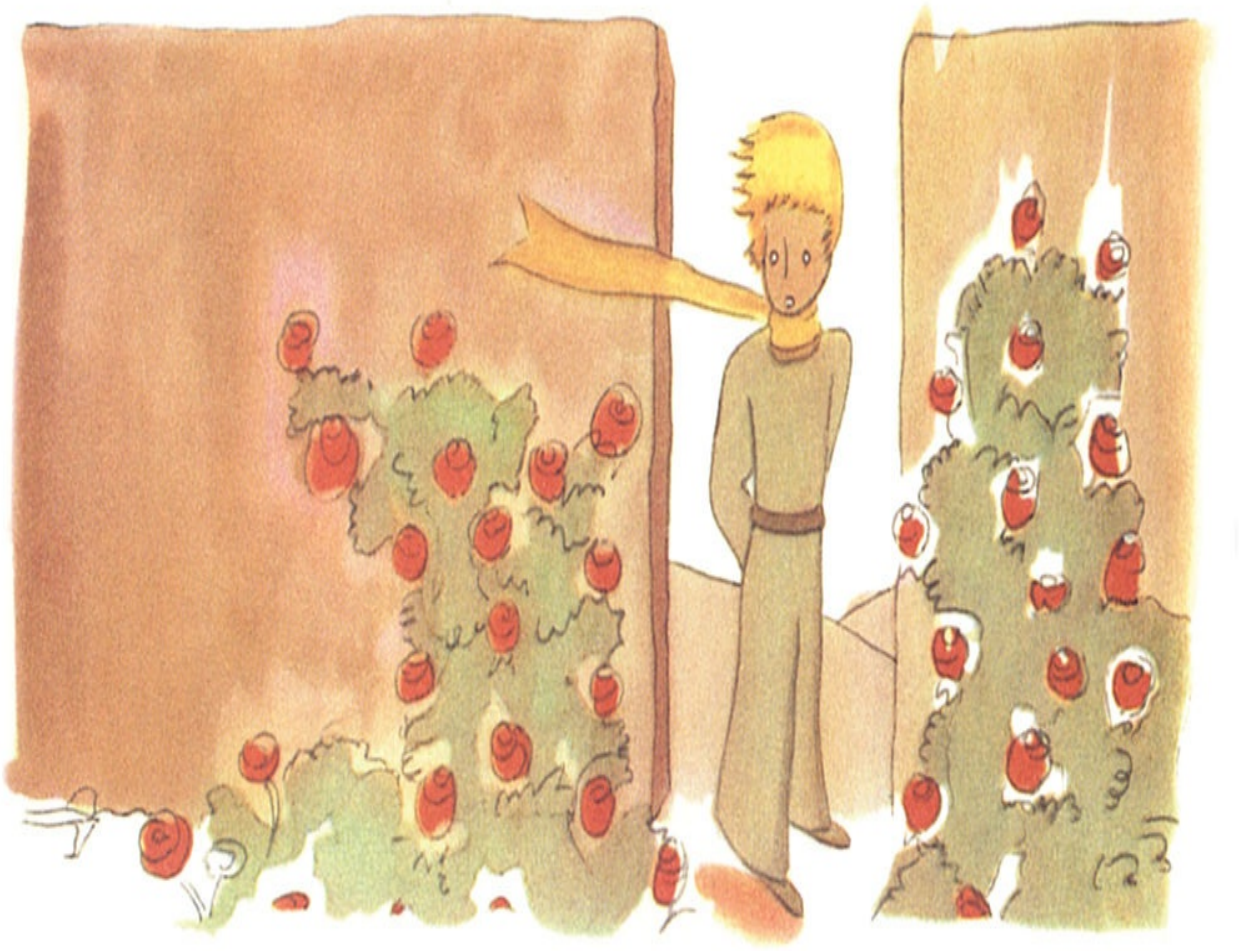
– Estou sozinho... estou sozinho... estou sozinho... – respondeu o eco.

“Que planeta esquisito!”, pensou então o principezinho. “Ele é totalmente seco, pontiagudo e salgado. E as pessoas não têm imaginação. Repetem o que a gente diz... No meu planeta eu tinha uma flor: era sempre a primeira a falar...”



XX

Aconteceu que o pequeno príncipe, depois de caminhar por muito tempo sobre as areias, as rochas e as neves, descobriu finalmente um caminho. E os caminhos vão todos na direção dos homens.



– Bom dia – disse ele.
Era um jardim cheio de rosas.
– Bom dia – disseram as rosas.
O principezinho as observou. Todas elas pareciam com a sua flor.
– Quem são vocês? – perguntou-lhes, surpreso.
– Somos rosas – disseram as rosas.
– Ah! – fez o pequeno príncipe.
E ele se sentiu muito mal. Sua flor lhe havia dito que era a única de sua

espécie no universo. E aqui existem cinco mil, todas semelhantes, num mesmo jardim!

“Ela ficaria muito envergonhada”, disse ele a si mesmo, “se visse isso... ela tossiria sem parar e fingiria morrer para escapar do ridículo. E eu seria obrigado a fingir que a socorreria, porque, do contrário, para me humilhar, ela era bem capaz de morrer de verdade...”

Depois ele disse ainda a si mesmo: “Eu me considerava rico com uma única flor, e a que possuo não passa de uma rosa vulgar. Ela e meus três vulcões que chegam ao joelho, sendo que um deles talvez esteja extinto para sempre, isso não faz de mim um grande príncipe...” **E deitado sobre a relva, desatou a chorar.**



XXI

Foi então que apareceu a raposa:

– Bom dia – disse a raposa.

– Bom dia – respondeu gentilmente o principezinho, que se voltou, mas não viu nada.

– Estou aqui – disse a voz – debaixo da macieira...

– Quem é você? – disse o pequeno príncipe. – Você é muito graciosa...

– Sou uma raposa – disse a raposa.



– Venha brincar comigo – propôs-lhe o pequeno príncipe. – Estou tão triste...

– Não posso brincar com você – disse a raposa. – Ainda não fui cativada.

– Ah! Desculpe-me – disse o pequeno príncipe.

Mas, depois de refletir, acrescentou:

– O que significa “cativar”?

– Você não é daqui – disse a raposa. – Está procurando o quê?

– Procuro as pessoas – disse o pequeno príncipe. – O que significa “cativar”?

– As pessoas – disse a raposa – têm espingardas e caçam. É muito chato! Elas também criam galinhas. É a única preocupação delas. Você procura galinhas?

– Não – disse o pequeno príncipe. – Procuro amigos. O que significa “cativar”?

– É uma coisa muito esquecida – disse a raposa. – Significa “criar laços...”

– Criar laços?

– Isso mesmo – disse a raposa. – Você para mim é ainda um garoto semelhante a cem mil garotos. E eu não preciso de você. E você tampouco precisa de mim. Eu sou para você apenas uma raposa semelhante a cem mil raposas. Mas, se você me cativar, teremos então necessidade um do outro. Você será para mim único no mundo e eu serei para você única no mundo...







– Começo a compreender – disse o principezinho. – Existe uma flor... acho que ela me cativou...

– É possível – disse a raposa. – A gente vê de tudo na Terra...

– Oh! Não é na Terra – disse o pequeno príncipe.

A raposa parecia intrigada:

– Em outro planeta?

– Sim.

– Existem caçadores nesse tal planeta?

– Não.

– Isso é interessante! E galinhas?

– Não.

– Nada é perfeito – suspirou a raposa.

Então a raposa retomou a sua reflexão:

– Minha vida é monótona. Eu caço as galinhas, as pessoas me caçam. Todas as galinhas se assemelham, e todas as pessoas se assemelham. Por isso, me aborreço um pouco. Mas se você me cativar, minha vida brilhará como o sol. Irei distinguir um ruído de passos diferente de todos os outros. Os outros passos me fazem esconder debaixo da terra. O seu passo me chamará para fora da toca como uma música. Olhe! Você vê, lá longe, os campos de trigo? Eu não me alimento de pão. O trigo para mim é inútil. Os campos de trigo não me trazem nenhuma lembrança. E isso é triste! Mas o seu cabelo é da cor do ouro. Então será maravilhoso quando você me cativar! O trigo, que é dourado, fará lembrar-me de você. Apreciarei o sussurrar do vento no trigo...

A raposa calou-se e ficou olhando durante muito tempo para o principezinho:

– Por favor... cative-me! – ela lhe disse.

– Gostaria – respondeu o principezinho –, mas tenho pouco tempo. Tenho que descobrir amigos e conhecer muitas coisas.

– A gente só conhece as coisas que cativa – disse a raposa. – As pessoas não têm mais tempo de conhecer coisa alguma. Elas compram nos mercados as coisas já prontas. Porém, como não há mercado de amigos, as pessoas não têm mais amigos. Se você quiser uma amiga, me cative!

– O que é preciso fazer? – perguntou o pequeno príncipe.

– É preciso ter paciência – respondeu a raposa. – Você se sentará um pouco distante de mim, assim, na relva. Eu olharei para você com o canto do olho e você não dirá nada. A linguagem é fonte de mal-entendidos. Porém, a cada dia, você poderá sentar-se um pouco mais perto...

No dia seguinte, voltou o pequeno príncipe.

– Era melhor se tivesse voltado à mesma hora – disse a raposa. – Se você vier,

por exemplo, às quatro horas da tarde, desde as três começarei a ficar feliz. Quanto mais a hora avançar, mais feliz me sentirei. Às quatro horas, já ficarei agitada e inquieta; descobrirei o preço da felicidade! Mas se você vier a qualquer hora, ficarei sem saber a que hora preparar o coração... É preciso que haja ritos.

– O que é um rito? – disse o pequeno príncipe.

– É uma coisa demasiado esquecida – disse a raposa. – É o que faz um dia ser diferente dos outros dias, uma hora diferente das outras horas. Há um rito, por exemplo, entre os meus caçadores. Às quintas-feiras, eles dançam com as moças do povoado. Então, a quinta-feira é dia maravilhoso! Vou passear no parreiral. Se os caçadores dançassem em qualquer dia, todos os dias seriam iguais, e eu não teria folga.

Assim, o pequeno príncipe cativou a raposa. E quando chegou a hora da partida:

– Ah!... – disse a raposa. – Eu vou chorar.

– A culpa é sua – disse o pequeno príncipe –, eu não queria lhe fazer mal, mas você quis que eu a cativasse...

– Sem dúvida – disse a raposa.

– Mas você vai chorar! – disse o principezinho.

– Claro que vou – disse a raposa.

– Então, você não ganha nada com isso!

– Ganho, sim – disse a raposa –, por causa da cor do trigo.

Depois acrescentou:

– Vá rever as rosas. Compreenderá que a sua é única no mundo. Você voltará para me dizer adeus, e eu lhe darei de presente um segredo.



O pequeno príncipe foi rever as rosas:

– Vocês não se parecem absolutamente com a minha rosa, vocês ainda não são nada – disse-lhes. – Ninguém as cativou e vocês não cativaram ninguém. Vocês são como era a minha raposa. Não passava de uma raposa igual a cem mil outras raposas. Mas fiz dela minha amiga, e agora ela é única no mundo.

E as rosas ficaram muito desapontadas.

– Vocês são bonitas, mas vazias – acrescentou-lhes ainda. – Não é possível morrer por vocês. Sem dúvida, quanto à minha rosa, um transeunte qualquer acreditaria que ela se parece com vocês, mas ela, somente ela, é mais importante que vocês todas, porque foi ela que eu reguei. Foi ela que coloquei debaixo da redoma. Foi ela que protegi com o para-vento. Foi dela que matei as lagartas (exceto duas ou três por causa das borboletas). Foi ela que ouvi queixar-se ou gabar-se, ou mesmo algumas vezes calar-se, já que ela é a minha rosa.

E foi ter com a raposa:

– Adeus – disse ele...

– Adeus – disse a raposa. – Eis o meu segredo. É muito simples: só se vê bem com o coração. O essencial é invisível para os olhos.

– O essencial é invisível para os olhos – repetiu o pequeno príncipe, a fim de se lembrar.

– É o tempo que você perdeu com a sua rosa... que torna sua rosa tão importante.

– É o tempo que perdi com a minha rosa... – repetiu o principezinho, a fim de se lembrar.

– As pessoas esqueceram esta verdade – disse a raposa. – Mas você não deve esquecê-la. Você se torna responsável para sempre por aquilo que cativa. Você é responsável pela sua rosa...

– Eu sou responsável pela minha rosa... – repetiu o pequeno príncipe, a fim de se lembrar.

XXII

– Bom dia – disse o pequeno príncipe.

– Bom dia – disse o manobrista.

– O que faz você aqui? – quis saber o principezinho.

– Separo os passageiros em grupos de mil – disse o manobrista. – Despacho os trens que os transportam, tanto para a direita quanto para a esquerda.

E um trem iluminado, rugindo como um trovão, fez tremer a cabine de manobra.

– Estão com muita pressa – disse o pequeno príncipe. – Correm atrás de quê?

– Nem o próprio maquinista sabe – disse o manobrista.

E rugiu, em sentido contrário, outro trem iluminado.

– Já estão de volta? – perguntou o principezinho.

– Não são os mesmos – disse o manobrista. – É uma troca.

– Não estavam contentes, lá onde estavam?

– A gente nunca está contente onde quer que esteja – disse o manobrista.

E retumbou o trovão de um terceiro trem iluminado.

– Estão indo atrás dos primeiros viajantes? – perguntou o pequeno príncipe.

– Não vão atrás absolutamente de nada – disse o manobrista. – Eles dormem lá dentro, ou melhor, bocejam. Só as crianças é que esborracham o nariz contra a vidraça.

– Somente as crianças sabem o que procuram – disse o principezinho. – Perdem tempo com uma boneca de trapo, a qual se torna tão importante para elas que, se lhes for tirada, elas choram...

– Elas é que são felizes – disse o manobrista.

XXIII

- Bom dia – disse o pequeno príncipe.

– Bom dia – disse o vendedor.

Era um vendedor de pílulas aprimoradas para tirar a sede. Ingere-se uma por semana e não se sente mais a necessidade de beber.

– Por que você vende isso? – disse o pequeno príncipe.

– Trata-se de uma grande economia de tempo – disse o vendedor. – Os especialistas fizeram os cálculos. Poupam-se cinquenta e três minutos por semana.

– E o que se faz com esses cinquenta e três minutos?

– O que a gente quiser...

“Eu”, dizia para si mesmo o principezinho, “se tivesse cinquenta e três minutos à disposição, caminharia lentamente até uma fonte...”



XXIV

Estávamos no oitavo dia de minha pane no deserto, e eu escutara a história do vendedor, enquanto sorvia a última gota de minha reserva de água:

– Ah! – disse eu ao pequeno príncipe – suas lembranças são bem bonitas, mas ainda não consertei o meu avião; não tenho mais nada para beber, e ficaria feliz, também eu, se pudesse caminhar tranquilamente em direção a uma fonte!

– Minha amiga raposa – disse-me ele.

– Meu pequeno rapaz, já não interessa a raposa!

– Por quê?

– Porque vamos morrer de sede...

Ele não compreendeu meu raciocínio, e me respondeu:

– É bom ter um amigo, mesmo se a gente vai morrer. Estou muito contente de ter tido uma raposa como amiga...

"Ele não tem noção do perigo", falei com meus botões. "Ele nunca tem fome nem sede. Basta-lhe um pouco de sol..."

Ele, porém, olhou-me e respondeu ao meu pensamento:

– Também eu tenho sede... Vamos à procura de um poço...

Deixei transparecer que eu estava esgotado: é absurdo procurar um poço, ao acaso, na imensidão do deserto. Entretanto, nos pusemos a caminho.

Depois de termos caminhado em silêncio por horas a fio, caiu a noite e as estrelas começaram a brilhar. Eu as via como em sonho, tendo um pouco de febre, por causa da minha sede. As palavras do principezinho bailavam-me na memória:

– Então você também está com sede? – perguntei-lhe.

Ele, contudo, não respondeu à minha pergunta. Disse-me simplesmente:

– Um pouco de água também pode fazer bem ao coração...

Não compreendi a resposta dele, então me calei... Eu sabia que era inútil interrogá-lo.

Ele estava cansado. Sentou-se. Sentei-me ao lado dele. E após um silêncio, ele disse:

– As estrelas são belas por causa de uma flor que a gente não vê...

Respondi:

– Sem dúvida – e, sem falar, olhava as ondulações da areia sob o luar.

– O deserto é belo – acrescentou.

Era verdade. Sempre amei o deserto. A gente se senta sobre uma duna de

areia. Não se vê nada. Não se ouve nada. No entanto, alguma coisa resplandece em silêncio...

– A beleza do deserto – disse o principezinho – reside no fato de ele esconder um poço em alguma parte...

Fiquei surpreso de compreender logo esse misterioso brilho da areia. Quando eu era menino, morava numa casa antiga, e a lenda narrava que ali havia um tesouro enterrado. Evidentemente, nunca alguém conseguiu descobri-lo, talvez não tenha sequer procurado. Mas ele enchia de encanto a casa toda. Minha casa guardava um segredo no fundo do seu coração...

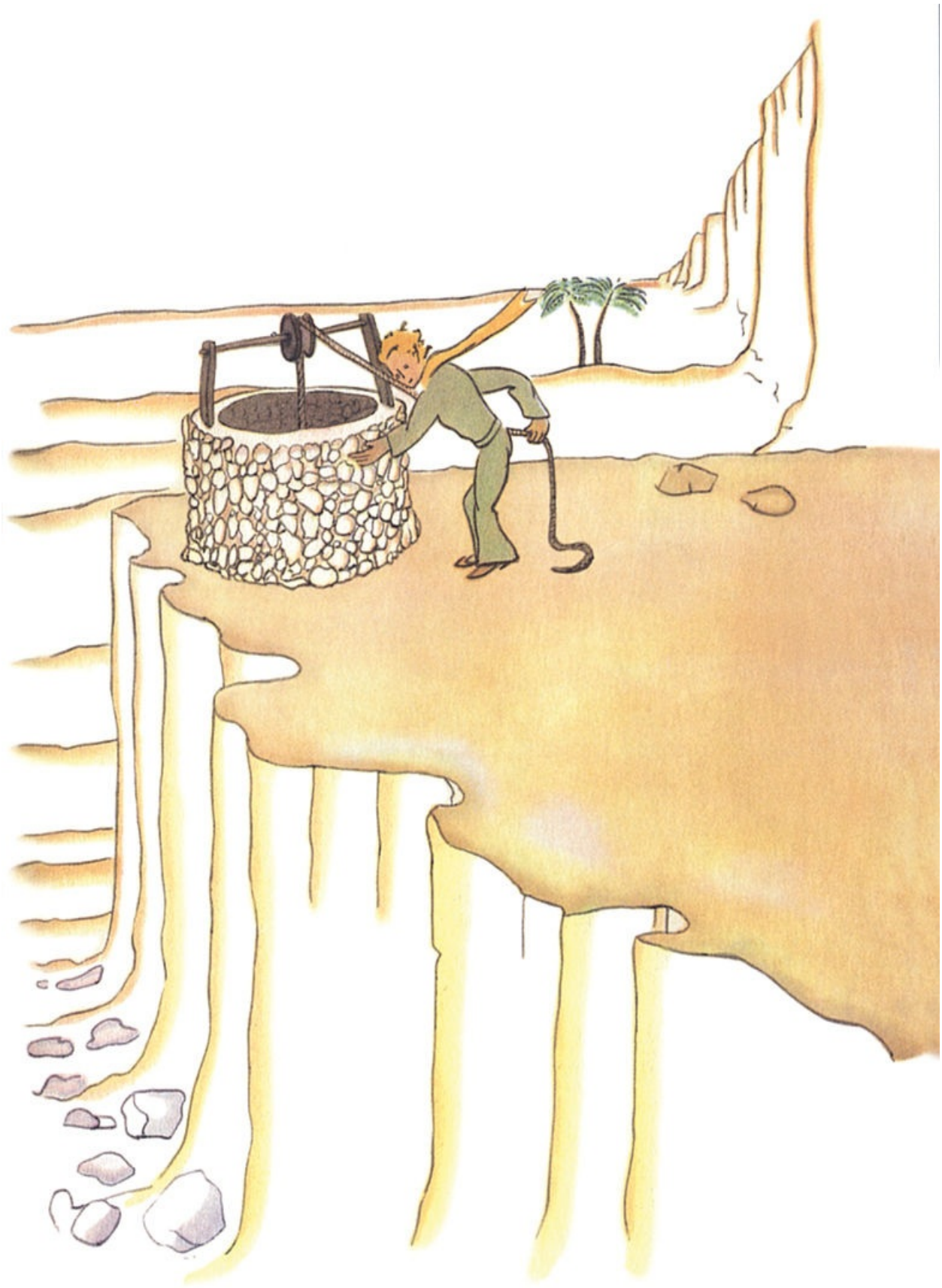
– Sim – disse eu ao principezinho –, quer se trate da casa, das estrelas ou do deserto, o que os torna belos é invisível!

– Estou contente – disse ele – pelo fato de você concordar com a minha raposa.

Visto que o pequeno príncipe estava adormecendo, tomei-o nos braços e me pus outra vez a caminho. Sentia-me comovido. Parecia-me levar nos braços um frágil tesouro. Aliás, parecia não haver, sobre a Terra, nada mais frágil. Contemplava, à luz do luar, aquele rosto pálido, aqueles olhos fechados, aquelas mechas de cabelo a tremular ao vento, e dizia comigo mesmo: “O que estou vendo é apenas uma casca. O mais importante é invisível...”

Dado que seus lábios entreabertos esboçavam um meio sorriso, eu disse ainda com meus botões: “O que tanto me comove neste principezinho adormecido é a sua fidelidade a uma rosa, é a imagem de uma rosa que brilha nele como a chama de uma lamparina, mesmo quando ele dorme...” E o pressentia ainda mais frágil. É necessário proteger bem as lamparinas: um simples sopro pode apagá-las...

E, caminhando assim, descobri o poço, ao raiar do dia.



XXV

- As pessoas – disse o pequeno príncipe – embarcam nos trens, mas já não sabem o que procuram. Então agitam-se e ficam perdidas...

E acrescentou:

– Não vale a pena...

O poço a que tínhamos chegado não se parecia com os poços do Saara. Os poços saarianos são simples buracos cavados na areia. Aquele parecia um poço de povoado. Mas ali não havia nenhum povoado, e parecia-me sonhar.

– É estranho – disse eu ao pequeno príncipe –; tudo está pronto: a roldana, o balde e a corda...

Ele riu, pegou a corda, fez girar a roldana. E a roldana gemeu como um velho cata-vento que há muito tempo o vento não move.

– Está ouvindo? – disse o pequeno príncipe. – Despertamos este poço e ele canta...

Eu não queria que ele fizesse esforço:

– Deixe comigo – disse-lhe eu –, é pesado demais para você.

Lentamente puxei o balde até a boca do poço. Coloquei-o bem firme. Nos meus ouvidos ecoava o canto da roldana e, na água que ainda tremia, eu via tremer o sol.

– Tenho sede desta água – disse o pequeno príncipe –, dê-me de beber...

Então compreendi o que ele havia procurado!

Ergui o balde à altura dos seus lábios. Ele bebeu, de olhos fechados. Era doce como uma festa. Aquela água era muito mais que simples alimento. Ela tinha nascido da caminhada sob as estrelas, do canto da roldana, do esforço de meus braços. Fazia bem ao coração, como uma dádiva. Quando eu era criança, as luzes da árvore de Natal, a música da missa da meia-noite, a doçura dos sorrisos constituíam todo o encanto do presente de Natal que eu ganhava.

– Os homens do seu planeta – disse o pequeno príncipe – cultivam cinco mil rosas num mesmo jardim... e mesmo assim não encontram ali o que procuram...

– Não o encontram – respondi.

– No entanto, o que procuram poderia ser encontrado em apenas uma rosa, ou num gole de água...

– Com certeza – respondi.

E o pequeno príncipe acrescentou:

– Mas os olhos são cegos. É necessário procurar com o coração.

Tinha saciado minha sede. Respirava normalmente. A areia, ao raiar do dia, é da cor do mel. Também essa cor do mel me fazia feliz. Por que então estava eu angustiado?

– É preciso que você cumpra sua promessa – disse-me mansamente o principezinho, que voltara a sentar-se do meu lado.

– Qual promessa?

– Você sabe... a focinheira para minha ovelha... sou responsável por aquela flor!

Retirei do bolso meus esboços de desenho. O principezinho os viu e disse, rindo:

– Seus baobás parecem repolhos...

– Oh!

Eu que me orgulhava dos baobás!

– Sua raposa... as orelhas dela... parecem mais chifres... e são muito compridas!

E riu mais uma vez.

– Você é injusto, meu rapazinho, eu só sabia desenhar as jiboias fechadas e as jiboias abertas.

– Oh! sem problema – disse –; as crianças entendem.

Esbocei então uma focinheira. E senti um aperto no coração quando lha entreguei.

– Você tem projetos que eu desconheço...

Mas ele não me respondeu. Disse-me:

– Lembra-se da minha chegada à Terra? Amanhã é o aniversário...

Após um silêncio, disse-me ainda:

– Eu desci bem perto daqui...

E ficou corado.

Novamente, sem saber o motivo, experimentei uma tristeza estranha. Entretanto, ocorreu-me uma dúvida:

– Então não foi por acaso que, na manhã em que o conheci, há oito dias, você passeava sozinho, a mil quilômetros de qualquer região habitada! Você estava voltando ao lugar aonde chegara?

O principezinho corou novamente.

E acrescentei, vacilante:

– Por causa do aniversário, talvez?...

O principezinho corou mais uma vez. Ele nunca respondia às perguntas, mas, quando se fica corado, quer dizer “sim”, não é?

– Ah! – disse-lhe eu. – Tenho medo...

Ele, porém, respondeu-me:

– Você agora tem de trabalhar. Tem de voltar para sua máquina. Espero você aqui. Volte amanhã à noite...

Mas eu não estava tranquilo. Lembrei-me da raposa. A gente corre o risco de chorar um pouco quando se deixa cativar...

XXVI

A o lado do poço, havia um velho muro de pedra em ruínas. Ao voltar do meu trabalho, no dia seguinte à noite, avistei de longe o meu principezinho sentado em cima do muro, balançando as pernas. E o escutei falando:

– Então não se lembra? – perguntou ele. – Não é exatamente aqui!

Devia haver mais alguém, porque ele replicou:

– Sim! Sim! O dia está certo, mas não é aqui o lugar...

Segui caminhando na direção do muro. Não via nem ouvia ninguém. No entanto, o pequeno príncipe replicou novamente:

– Certo. Você verá onde começam meus rastos na areia. Você só tem que me esperar naquele ponto. Eu estarei lá hoje à noite.



Eu estava a vinte metros do muro e ainda não enxergava ninguém.
O principezinho disse ainda, após um silêncio:
– Seu veneno é poderoso? Tem certeza de que não me fará sofrer por muito

tempo?

Estaquei, com o coração apertado, mas continuava sem compreender.

– Agora, vá embora... – disse ele – que eu quero descer!

Então baixei os olhos para o pé do muro e dei um pulo! Estava ali, empinada para o pequeno príncipe, uma dessas serpentes amarelas que liquidam uma pessoa em trinta segundos.

Enquanto revirava meu bolso para puxar o revólver, desatei a correr; porém, o meu barulho fez a serpente deslizar suavemente na areia, como um jato d'água que morre e, sem demasiada pressa, enfiou-se entre as pedras, com um leve ruído metálico.

Cheguei ao muro apenas em tempo para pegar nos braços o meu querido principezinho, branco como a neve.

– Que história é essa? Você agora conversa com as serpentes?

Eu afrouxara o eterno cachecol dourado dele. Umedecera-lhe a testa e lhe dera de beber. E agora não ousava perguntar-lhe mais nada. Ele me olhou seriamente e me envolveu o pescoço com seus braços. Eu sentia que seu coração palpitava como o de um pássaro agonizante ao ser atingido pelo tiro de uma espingarda. Ele me disse:

– Estou contente que você tenha consertado o defeito de sua máquina. Você terá condições de voltar para sua terra...

– Como é que sabe?

Eu vinha justamente informar-lhe que, contra toda esperança, havia terminado meu trabalho!

Ele nada respondeu à minha pergunta, mas acrescentou:

– Também eu volto hoje para casa...

Depois, melancólico:

– É bem mais distante... é bem mais difícil...

Eu sentia que algo extraordinário estava acontecendo. Apertava-o em meus braços como a um bebê; entretanto, tinha a impressão de que ele escorregava verticalmente num abismo, sem que eu pudesse impedir...

Ele tinha o olhar sério, perdido no horizonte:

– Tenho a sua ovelha. Tenho a caixa para a ovelha. E tenho a focinheira...

E sorriu com melancolia.

Esperei um bom tempo. Eu sentia que pouco a pouco ele se reanimava:

– Meu pequeno, você ficou com medo...

Ele tivera medo, é claro! Mas riu docemente:

– Muito mais medo terei esta noite...

Novamente fiquei gelado pela sensação do irreparável. E compreendi que não

suportava a ideia de nunca mais ouvir aquela risada. Era para mim como uma fonte no deserto.

– Meu adorável menino, quero ouvir ainda a sua risada...

Ele, porém, me disse:

– Vai fazer um ano esta noite. Minha estrela estará justamente sobre o lugar onde desci, no ano passado...

– Meu menininho, não se trata talvez de um pesadelo esta história de serpente e de encontro marcado e de estrela?

Mas ele não respondeu à minha pergunta. Disse-me:

– O que é importante não se vê...

– Sem dúvida...

– É o que acontece em relação à flor. Se você ama uma flor que se encontra numa estrela, é prazeroso, à noite, olhar para o céu. Todas as estrelas estão floridas.

– Certamente...

– É o que se passa com a água. Aquela que você me deu para beber era como uma música, por causa da roldana e da corda... lembra como era boa?

– Sem dúvida...

– À noite, você olhará para as estrelas. A minha é pequenina demais para eu lhe mostrar onde está. É melhor assim, pois qualquer uma delas será para você a minha estrela. Então, você vai gostar de olhar para todas as estrelas... Todas elas serão suas amigas. E, ademais, quero lhe dar um presente...

Ele riu outra vez!

– Ah! Rapazinho, rapazinho, adoro ouvir esta risada!

– Pois este será o meu presente... será como a água...

– O que você quer dizer?

– As pessoas têm estrelas diferentes. Para alguns, que viajam, as estrelas são guias. Para outros, não passam de pequenos luzeiros. Para os sábios, elas são problemas. Para meu homem de negócios, eram ouro. Mas todas essas estrelas se calam. Você, porém, terá estrelas como ninguém...

– O que você quer dizer?

– Quando você olhar para o céu, à noite, visto que habitarei numa delas, visto que estarei rindo numa delas, então para você

será como se todas as estrelas rissem. Você terá estrelas que sabem rir!

E riu mais uma vez!

– E quando se consolar (a gente sempre se consola), ficará contente por ter me conhecido. **Você será sempre meu amigo.** Terá vontade de rir comigo. E às vezes abrirá sua janela, assim, pelo prazer... e os seus amigos ficarão boquiabertos de ver você rir olhando para o céu. Então você lhes dirá: “Sim, as estrelas sempre me fazem rir”. E eles vão pensar que você ficou louco. Terei pregado uma boa peça em você!

E riu novamente.



– É como se, em vez de estrelas, eu tivesse dado a você um montão de pequenos guizos que sabem rir...

Ele riu outra vez, depois ficou sério:

– Esta noite... você sabe... não venha.

– Não o abandonarei.

– Darei a impressão de me sentir mal... Darei um pouco a impressão de estar morrendo. É assim mesmo. Não venha ver isso. Não vale a pena...

– Não o abandonarei.

Mas ele estava preocupado.

– Eu lhe digo isso... também por causa da serpente. Não se deixe morder por ela... As serpentes são maldosas. São capazes de morder só pelo prazer...

– Não o abandonarei.

Mas uma coisa o tranquilizou:

– É verdade que elas não têm mais veneno para a segunda mordida...

Naquela noite, não o vi partir. Saiu de mansinho. Quando consegui alcançá-lo, ele caminhava decidido, a passos rápidos. Disse-me apenas:

– Ah! É você...

Então me pegou pela mão. Mas ainda estava aflito:

– Você fez mal. Vai sofrer. Darei a impressão de estar morto, mas não será verdade...

Fiquei calado.

– Você compreende. É muito distante. Não poderei levar este corpo. É pesado demais.

Eu me calava.

– Mas será como uma velha casca abandonada. Não há nada de triste numa velha casca....

Eu continuava calado.

Ficou um pouco desanimado. Mas fez ainda um esforço:

– Vai ser bonito, sabe? Eu também olharei para as estrelas. Todas as estrelas serão poços com uma roldana enferrujada. Todas as estrelas me darão de beber...

Eu, no entanto, calava-me.

– Vai ser tão divertido! Você terá quinhentos milhões de guizos, eu terei quinhentos milhões de fontes...

Ele também se calou, porque chorava.

– É aqui. Deixe-me dar um passo sozinho.

E sentou-se porque tinha medo. Disse ainda:

– Você sabe... a minha flor... sou responsável por ela! E ela é tão fraca! Tão ingênua. Ela tem quatro espinhos insignificantes para protegê-la contra o mundo...



Sentei-me, pois não aguentava mais ficar em pé. Ele disse:

– Bem... É tudo...

Hesitou ainda um pouco, depois levantou-se. Deu um passo. Quanto a mim, não conseguia me mover.

Houve apenas um clarão amarelo perto do tornozelo dele. Ficou imóvel por um instante. Não gritou. Tombou suavemente como tomba uma árvore. Não fez sequer barulho, por causa da areia.



XXVII

E agora já faz seis anos... Nunca tinha contado esta história até agora. Os colegas que me viram ficaram bem contentes de me reencontrar vivo. Eu estava triste, mas mesmo assim lhes dizia: “É o cansaço...”

Agora estou mais conformado. Quer dizer... não totalmente. Mas sei que ele voltou ao seu planeta, pois, ao raiar do dia, já não encontrei o seu corpo. Não era um corpo tão pesado... E adoro, à noite, ouvir as estrelas. É como ouvir quinhentos milhões de guizos...

Mas eis que acontece uma coisa extraordinária. Acabei me esquecendo de acrescentar a correia de couro à focinheira que desenhei para o principezinho. Ele jamais conseguiria amarrar sua ovelha. Então me pergunto: “O que terá acontecido no planeta dele? É possível que a ovelha tenha comido a flor...”

Às vezes eu digo a mim mesmo: “Provavelmente não! O pequeno príncipe guarda sua flor todas as noites debaixo de sua redoma de vidro e cuida bem de sua ovelha...”

Então me sinto feliz. E todas as estrelas riem docemente.

Outras vezes penso: “Uma vez ou outra a gente se distrai, e isso é o suficiente! Uma noite ele esqueceu a redoma de vidro, ou melhor, a ovelha saiu de mansinho durante a noite...” Então, todos os guizos se transformam em lágrimas!...

Eis um grande mistério. Para vocês que também amam o pequeno príncipe, como para mim, nada no universo permanece igual se, em alguma parte, não se sabe onde, uma ovelha, que não conhecemos, tiver comido ou não uma rosa...

Olhem para o céu. Perguntem a si mesmos: “A ovelha comeu ou não a flor?” E vão ver como tudo muda...

Mas os adultos jamais compreenderão quanto isso é importante!

Esta é, para mim, a mais bela e a mais triste paisagem do mundo. É a mesma paisagem da página anterior, porém voltei a desenhá-la para que a observem melhor. Foi aqui que o principezinho apareceu na terra, depois desapareceu.

Fixem bem esta paisagem, a fim de reconhecê-la se um dia viajarem ao deserto da África. E, se acaso passarem por lá, eu lhes suplico, não se apressem, esperem um pouco, bem debaixo da estrela! Se então um menino se aproximar de vocês, se ele rir, se tiver cabelos dourados, se não responder quando for interrogado, vocês adivinharão quem é ele. Sejam amáveis! Não me deixem assim triste: escrevam-me depressa para dizer que ele voltou.





SAINT-EXUPÉRY

BREVE BIOGRAFIA

Antoine (Jean-Baptiste-Marie-Roger Foscolombe) de Saint--Exupéry era francês e de ascendência nobre; ele foi escritor, ilustrador e, por ser apaixonado por mecânica e aviões, piloto. Como escritor, Exupéry é reconhecido pela autoria de um clássico da literatura, *O pequeno príncipe*, publicado em 1943 nos Estados Unidos e, posteriormente, na França.

Antoine de Saint-Exupéry nasceu em Lyon, França, no dia 29 de junho de 1900, terceiro filho do conde Saint-Exupéry e da condessa Marie Foscolombe. Estudou no colégio jesuíta Notre- -Dame de Sainte Croix e no colégio dos Maristas, em Friburgo, na Suíça.

Em 1921, ingressou no serviço militar, no Regimento de Aviação de Estrasburgo. Tornou-se piloto civil e subtenente da reserva. Em 1926, foi admitido na Aéropostale (Compagnie Générale Aéropostale foi uma companhia de aviação pioneira, fundada em 1919, na França. A proposta da Aéropostale era estabelecer linhas de conexão para o serviço aéreo postal), onde começou sua carreira de piloto de linha, voando entre Toulouse, Casablanca e Dakar.

Antoine de Saint-Exupéry escreveu para jornais e revistas francesas. Não por acaso, suas obras sempre foram caracterizadas por elementos de aviação e de guerra, entre elas: *O aviador* (1926), *Voo noturno* (1931), *Terra dos homens* (1939), *Carta a um refém* (1944).

Exupéry morreu em um acidente de avião, durante uma missão de reconhecimento, no dia 31 de julho de 1944. Seu corpo nunca foi encontrado. Em 2004, foram encontrados os destroços do avião que pilotava, a poucos quilômetros da costa de Marselha, na França.


80

O PEQUENO PRÍNCIPE

BREVES CONSIDERAÇÕES

O termo “clássico”, tomado como adjetivo, confere nobreza àquilo que qualifica. No campo da literatura, há, naturalmente, obras que são consideradas clássicas ou de caráter universal, pois transcendem o tempo e o espaço em que foram criadas e, assim, se perpetuam. Tais obras abordam questões existenciais que atravessam décadas e, mesmo assim, se mantêm atuais. Eis algumas características: o desejo de descobrir a própria identidade; a busca do próprio lugar no mundo; o desejo de liberdade: pessoal e/ou coletiva; o desejo de encontrar o verdadeiro amor e o sentido da vida. Por essas características — e outras —, embora publicado há mais ou menos setenta anos, *O pequeno príncipe*, de Antoine de Saint-Exupéry, mantém seu frescor inicial e encanta milhares de pessoas ao redor do mundo justamente por se tratar de um clássico.

O pequeno príncipe é considerado tradicionalmente um livro infantil; contudo, seu conteúdo é apreciado por pessoas de todas as idades, muito provavelmente porque toca a criança presente em cada ser humano; curiosamente, uma criança que leia *O pequeno príncipe* terá certa dificuldade, ao menos se supõe, para se aproximar da narrativa, dada a sua densidade. O texto de Exupéry é feito em camadas que se sobrepõem com sutileza e poesia; as personagens presentes, suas características e as relações que estabelecem foram cuidadosamente construídas. Em linhas gerais, ganham destaque o pequeno príncipe, o aviador, a rosa, a raposa e a serpente. Dois desses personagens pertencem ao universo humano; os outros três não. Curiosamente, também, nenhum dos personagens é nomeado; contudo, a presença de cada um deles é marcante. Outros dois elementos que não podem passar despercebidos são o deserto e o universo (os planetas, asteroides e estrelas).

A narrativa é memorial, pois o aviador resgata o que lhe acontecera seis anos antes; por sua vez, o pequeno príncipe retoma - e conta ao aviador - o que lhe acontecera até o momento em que se dá o encontro dos dois. Encontro, aliás, é uma categoria, se assim quisermos chamar, muito importante ao longo do livro, pois são os encontros que dão à vida significado ou não: o pequeno príncipe e a rosa, o pequeno príncipe e a serpente, o pequeno príncipe e a raposa, o pequeno príncipe e o aviador.

Ao longo do texto, vemos que há, não de forma velada, uma crítica aos adultos. Eles, os adultos, gostam de números e não se atêm ao que é essencial, pois o essencial é invisível aos olhos e perceptível ao coração. Seria preciso, mesmo já sendo adulto, ter um coração livre e aberto como o de uma criança para que não se tenha medo de cativar e deixar-se cativar, algo já um tanto esquecido.

Quem se aproxima de *O pequeno príncipe* não sai ileso; é contagiado por uma onda de sensibilidade que tem o intuito de despertar o que há de melhor no ser humano. Como aquele poço que torna belo o deserto, a cada leitura que se faz da narrativa pode-se matar a sede de encontros que já se foram, atuais e futuros.

Direção editorial
Claudiano Avelino dos Santos

Coordenação editorial
Alexandre Carvalho

Coordenação de revisão
Tiago J. Risi Leme

Revisão
Caio Pereira
Tiago J. Risi Leme

Coordenação de desenvolvimento digital
Guilherme César da Silva

Desenvolvimento digital
Daniela Kovacs

Conversão EPUB
PAULUS

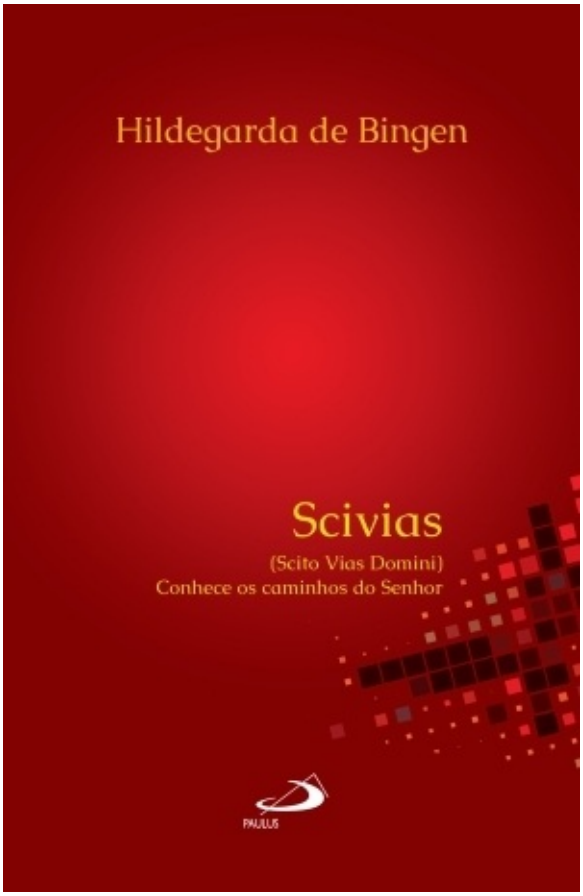
Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)
(Câmara Brasileira do Livro, SP, Brasil)

Saint-Exupéry, Antoine de, 1900-1944.
O pequeno príncipe [livro digital] / Antoine de Saint-Exupéry [autor]; [tradução Luiz Miguel Duarte]. – São Paulo: Paulus, 2016.
11,1Mb; ePUB

Título original: Le petit prince.

Tradução: Luiz Miguel Duarte

© PAULUS - 2016
Rua Francisco Cruz, 229 • 04117-091 São Paulo (Brasil)
Fax (11) 5579-3627 • Tel. (11) 5087-3700
paulus.com.br • editorial@paulus.com.br
[Facebook] • [Twitter] • [Youtube]
eISBN 978-85-349-4416-8


Hildegarda de Bingen
Scivias
(Scito Vias Domini)
Conhece os caminhos do Senhor
PAULUS

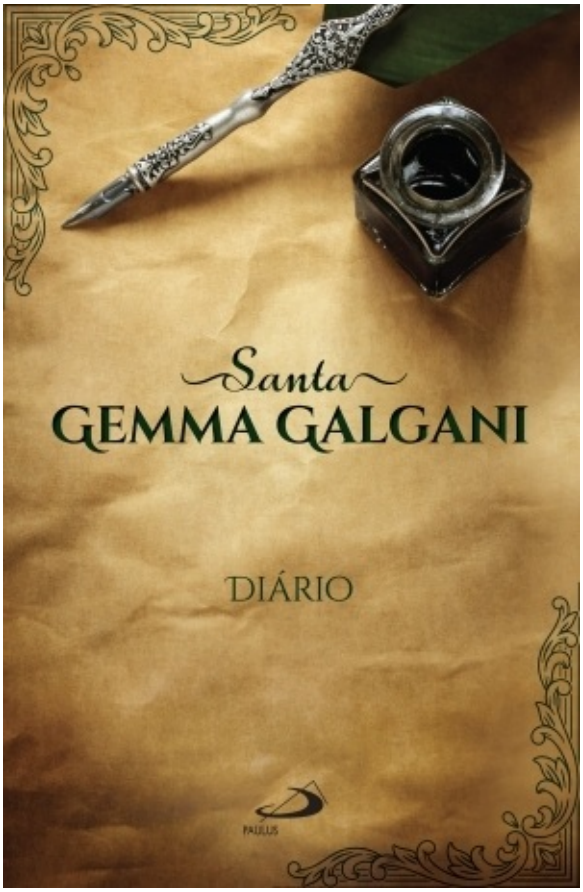
Scivias

de Bingen, Hildegarda
9788534946025
776 páginas

Compre agora e leia

Scivias, a obra religiosa mais importante da santa e doutora da Igreja Hildegarda de Bingen, compõe-se de vinte e seis visões, que são primeiramente escritas de maneira literal, tal como ela as teve, sendo, a seguir, explicadas exegeticamente. Alguns dos tópicos presentes nas visões são a caridade de Cristo, a natureza do universo, o reino de Deus, a queda do ser humano, a santifi cação e o fi m do mundo. Ênfase especial é dada aos sacramentos do matrimônio e da eucaristia, em resposta à heresia cátara. Como grupo, as visões formam uma summa teológica da doutrina cristã. No fi nal de Scivias, encontram-se hinos de louvor e uma peça curta, provavelmente um rascunho primitivo de Ordo virtutum, a primeira obra de moral conhecida. Hildegarda é notável por ser capaz de unir "visão com doutrina, religião com ciência, júbilo carismático com indignação profética, e anseio por ordem social com a busca por justiça social". Este livro é especialmente significativo para historiadores e teólogas feministas. Elucida a vida das mulheres medievais, e é um exemplo impressionante de certa forma especial de espiritualidade cristã.

Compre agora e leia


Santa
GEMMA GALGANI
DIÁRIO
PAULUS

Santa Gemma Galgani - Diário

Galgani, Gemma
9788534945714
248 páginas

Compre agora e leia

Primeiro, ao vê-la, causou-me um pouco de medo; fiz de tudo para me assegurar de que era verdadeiramente a Mãe de Jesus: deu-me sinal para me orientar. Depois de um momento, fiquei toda contente; mas foi tamanha a comoção que me senti muito pequena diante dela, e tamanho o contentamento que não pude pronunciar palavra, senão dizer, repetidamente, o nome de 'Mãe'. [...] Enquanto juntas conversávamos, e me tinha sempre pela mão, deixou-me; eu não queria que fosse, estava quase chorando, e então me disse: 'Minha filha, agora basta; Jesus pede-lhe este sacrifício, por ora convém que a deixe'. A sua palavra deixou-me em paz; repousei tranquilamente: 'Pois bem, o sacrifício foi feito'. Deixou-me. Quem poderia descrever em detalhes quão bela, quão querida é a Mãe celeste? Não, certamente não existe comparação. Quando terei a felicidade de vê-la novamente?

Compre agora e leia


DOCAT
Como agir?

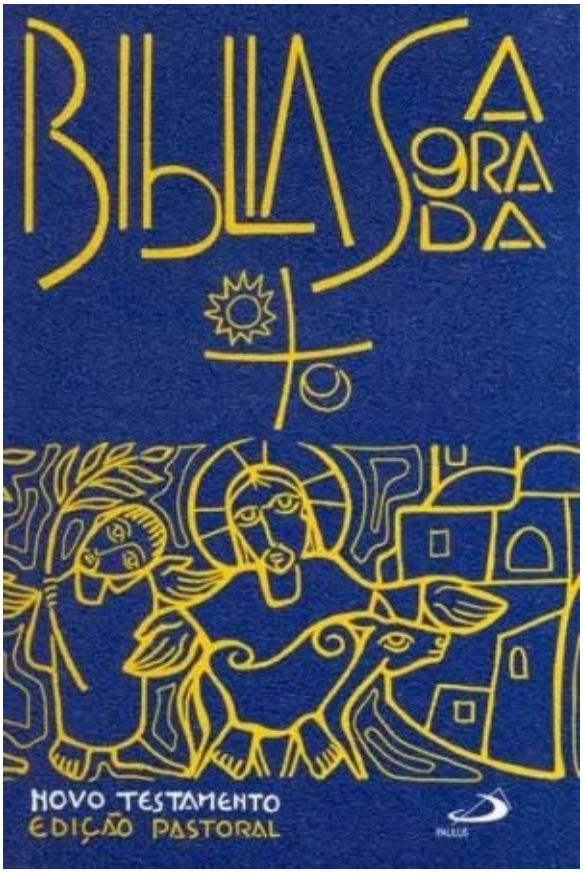
DOCAT

Vv.Aa.
9788534945059
320 páginas

Compre agora e leia

Dando continuidade ao projeto do YOUCAT, o presente livro apresenta a Doutrina Social da Igreja numa linguagem jovem. Esta obra conta ainda com prefácio do Papa Francisco, que manifesta o sonho de ter um milhão de jovens leitores da Doutrina Social da Igreja, convidando-os a ser Doutrina Social em movimento.

Compre agora e leia


BÍBLIA SAGRADA
NOVO TESTAMENTO
EDIÇÃO PASTORAL
PAULUS

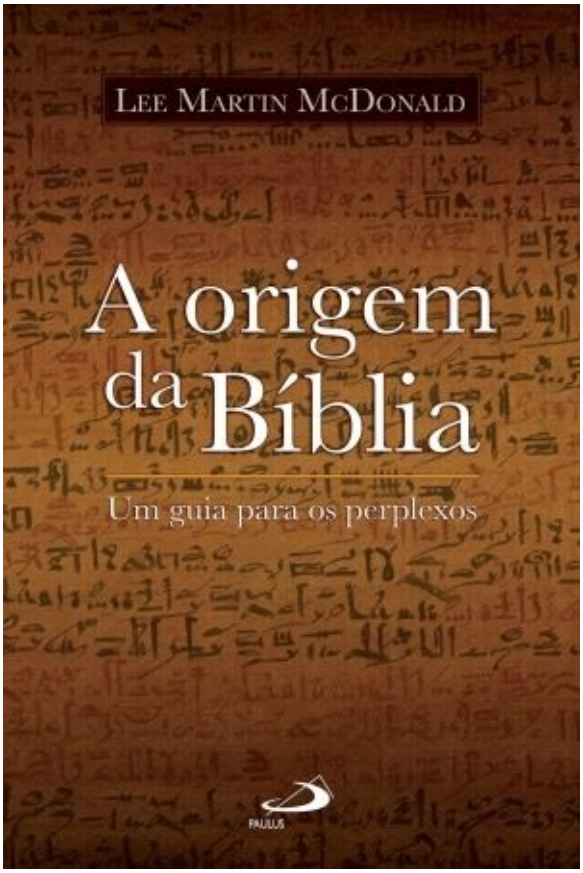
Bíblia Sagrada: Novo Testamento - Edição Pastoral

Vv.Aa.
9788534945226
576 páginas

Compre agora e leia

A Bíblia Sagrada: Novo Testamento - Edição Pastoral oferece um texto acessível, principalmente às comunidades de base, círculos bíblicos, catequese e celebrações. Esta edição contém o Novo Testamento, com introdução para cada livro e notas explicativas, a proposta desta edição é renovar a vida cristã à luz da Palavra de Deus.

Compre agora e leia


Lee Martin McDonald
A origem da Bíblia
Um guia para os perplexos
PAULUS

A origem da Bíblia

McDonald, Lee Martin
9788534936583
264 páginas

Compre agora e leia

Este é um grandioso trabalho que oferece respostas e explica os caminhos percorridos pela Bíblia até os dias atuais. Em estilo acessível, o autor descreve como a Bíblia cristã teve seu início, desenvolveu-se e por fim, se fixou. Lee Martin McDonald analisa textos desde a Bíblia hebraica até a literatura patrística.

Compre agora e leia

Table of Contents

Rosto
Apresentação
Capítulo I
Capítulo II
Capítulo III
Capítulo IV
Capítulo V
Capítulo VI
Capítulo VII
Capítulo VIII
Capítulo IX
Capítulo X
Capítulo XI
Capítulo XII
Capítulo XIII
Capítulo XIV
Capítulo XV
Capítulo XVI
Capítulo XVII
Capítulo XVIII
Capítulo XIX
Capítulo XX
Capítulo XXI
Capítulo XXII
Capítulo XXIII
Capítulo XXIV
Capítulo XXV
Capítulo XXVI
Capítulo XXVII
Saint-Exupéry - Breve Biografia
O Pequeno Príncipe - Breves Considerações
Ficha Catalográfica